

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**PERCEÇÃO DE SOLIDARIEDADE FAMILIAR E NEUROTICISMO:
VARIAÇÕES EM FUNÇÃO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL, DO GÉNERO E DA
REVELAÇÃO**

Vanessa da Silva Jerónimo

outubro 2015

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora **Anne Marie Germaine Victorine Fontaine** e coorientada pelo Professor Doutor **Jorge Júlio de Carvalho Valadas Gato** (F.P.C.E.U.P.).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na seção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

À Professora Doutora Anne Marie Fontaine por me acompanhar ao longo deste trabalho, pela liberdade na concretização desta dissertação, respeitando sempre as minhas vontades e decisões. Por todo o conhecimento transmitido, pela ajuda e orientação.

Ao Professor Doutor Jorge Gato, pela partilha de conhecimentos e ideias, por promover em mim a vontade de fazer mais e melhor! Por toda a ajuda e disponibilidade!

Aos meus pais, o meu maior obrigado! Estarei eternamente grata pelas oportunidades que sempre me proporcionaram, pela educação e por toda a confiança nas minhas capacidades! Serei sempre a menina dos papás!

A toda a minha família pela confiança e preocupação demonstradas em todas as alturas da minha vida! Aos meus primos por serem os irmãos que nunca tive!

Ao Paulo, por me apoiar, indiscutivelmente, em tudo o que faço, por acreditar em mim, pelo carinho ao longo destes anos! Obrigado por estares sempre ao meu lado!

Às minhas amigas de sempre! Jéssica, Mariana, Maria João, Andreia, Joana e Sara Cardoso. Por estarem sempre comigo, perto ou longe, e serem as minhas melhores amigas!

À Tânia e à Sofia, por acreditarem nas minhas capacidades e pela amizade inquestionável!

Às amigas que a Covilhã me deu, Iolanda, Joana, Tânia e Márisa! Porque também elas festejam comigo!

Às minhas amigas da FPCEUP, Ângela, Cristina, Elisabete, Joana e Mafalda, por terem dado significado à minha mudança para o Porto, pela amizade e partilha ao longo destes dois anos!

À Sara Carolina, direciono um agradecimento especial, por me acompanhar nesta longa caminhada de 5 anos e pela amizade demonstrada em todos os momentos!

À Bárbara por ter sido a minha verdadeira companheira, obrigada por tudo!

Resumo

O presente estudo contempla a análise da Solidariedade Intergeracional, a percepção do tipo de apoio manifesto entre pais e filhos ao longo de diversas dimensões. Esta temática será conjugada com o estudo da homossexualidade, pretendendo explorar a existência de relações entre a percepção do apoio pais-filhos por indivíduos com uma orientação e identidade LGB vs heterossexuais, bem como as variações deste apoio em função do género dos pais e dos filhos. O estudo explora, igualmente, a possível existência de relações entre a homossexualidade e o neuroticismo, assim como, em indivíduos não heterossexuais, o impacto do neuroticismo na percepção de solidariedade, e em que medida a revelação da sua identidade aos membros da sua família modera esta relação. Com este intuito foram aplicadas algumas escalas do Índice de Solidariedade Familiar Intergeracional que permitem apreender a percepção dos filhos (Bengtson & Roberts, 1991, adaptado por Monteiro, 2010), do *NEO PI-R* (Costa & McCrae, 1992), dando preferência à escala referente da vulnerabilidade como indicador do neuroticismo, bem como Inventário de Abertura (Mohr, 2005), limitada às escalas de revelação à família mais próxima. Os dados foram recolhidos junto de 530 participantes que responderam a um questionário *on-line*.

Os resultados obtidos indicam que a percepção solidariedade intergeracional funcional recebida, normativa e conflitual é menor em indivíduos não heterossexuais, sobretudo em mulheres. Os participantes não percecionam ter recebido ou dado um maior apoio às mães comparativamente aos pais, independentemente da sua orientação sexual, salvo no que diz respeito a aspetos claramente conflituais superiores na relação com o pai, embora sejam observadas variações em função do género e da orientação sexual do participante. Não se verificam diferenças em função do neuroticismo em função do género ou da orientação sexual, nem no impacto do neuroticismo na solidariedade intergeracional, impacto este que não varia em função da revelação ou não da orientação sexual à família mais próxima.

Estes resultados foram, posteriormente, discutidos e integrados nas teorias subjacentes ao estudo destas temáticas e lançaram pistas para futuras investigações.

Palavras-chave: solidariedade intergeracional, família, homossexualidade, heterossexualidade, revelação, neuroticismo, género.

Abstract

This study aims to analyze the normative phenomenon called Intergenerational Solidarity, which involves the perception of the support between parents and sons in a variety of dimensions. This subject will be combined with the study of homosexuality, intending to explore the existence of relations between the support received by individuals with an orientation and LGB identity, compared to heterosexual individuals, and also how the gender of both individuals influences the level of support.

The study also explores, the possible correlation between homosexuality and neuroticism and also the impact of neuroticism in the perception of solidarity in non-heterosexual individuals, and in which way identity revelation influences this relation. For this purpose, the Intergenerational Solidarity Index (Bengtson & Roberts, 1991, adapted by Monteiro, 2010), in order to understand the child's perceptions the; NEO PI-R (Costa & McCrae, 1992), giving preference to related vulnerability scale; and Outness Inventory (Mohr, 2005) focusing only on the items related to immediate family. The data was obtained from 530 participants that answered an online survey.

The results obtained show indicate that the functional, normative and conflictive intergenerational solidarity received, is less in non-heterosexual individuals, especially by women. Participants do not report that they have received or given more support from mothers compared to fathers, aside from their sexual orientation, but they did report a more troubled relationship with fathers, although there were observed many variations concerning the gender and sexual orientation of the participant. There were no significant differences shown when relation neuroticism with gender or sexual orientation, and also when analyzing the impact of neuroticism in intergenerational solidarity, this impact isn't influenced by the *coming-out* or not to the immediate family.

These results were subsequently discussed and integrated by the theories underlying the study of these themes.

Key-words: intergenerational solidarity, family, homosexuality, heterosexuality, coming-out, neuroticism, gender.

Resumé

Cette étude porte sur l'analyse de la solidarité intergénérationnelle, qui reflète la perception du type de soutien manifeste entre parents et enfants, sous diverses dimensions. Ce thème sera associé à l'étude de l'homosexualité, afin d'explorer l'existence de relations entre la perception de soutien parent-enfant pour les personnes ayant une orientation et l'identité LGB ou hétérosexuelle, ainsi que les variations de ce soutien en fonction du genre des parents et des enfants. L'étude explore également l'existence d'un possible lien entre l'homosexualité et le neuroticisme, ainsi qu'au sein de l'échantillon de personnes non hétérosexuelles, l'impact de la névrose sur la perception de solidarité, et l'effet modérateur dans cette relation de la révélation de leur identité aux membres de la famille de la part des participants. À cette fin, ont été appliquées certaines échelles de l'Index de Solidarité Familiale Intergénérationnelle qui permettent d'appréhender la perception de soutien intergénérationnel par les enfants (Bengtson et Roberts 1991 adapté par Monteiro, 2010), due NEO PI-R (Costa & McCrae 1992), donnant la préférence à la vulnérabilité en tant qu'indicateur du neuroticisme, ainsi que de l'Inventaire d'Ouverture (Mohr, 2005), limité à la révélation à la famille. Les données ont été recueillies auprès de 530 participants qui ont répondu à un questionnaire en ligne.

Les résultats indiquent que la perception de solidarité fonctionnelle reçue de solidarité normative et conflictuelle est inférieure chez les personnes non-hétérosexuelles, en particulier chez les femmes; les participants ne perçoivent avoir reçu ou donné plus de soutien aux mères par rapport aux pères, quelles que soit leur orientation sexuelle, sauf en ce qui concerne les aspects conflictuels nettement supérieure dans la relation au père, bien que des variations aient été observées en fonction du sexe et de l'orientation sexuelle des participants. Il n'y a pas de différence de neuroticisme en fonction du genre ou de l'orientation sexuelle, ni impact du neuroticisme sur la perception de solidarité /appui, ni modification de cet éventuel impact en fonction de la révélation de l'orientation sexuelle à la famille immédiate.

Ces résultats ont été discutés à la lumière de la littérature disponible et ont été lancées des pistes pour des futures recherches.

Mot-clés: solidarité intergénérationnelle, homosexualité, révélation, neuroticisme, genre.

Índice

Introdução	1
PARTE I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
Capítulo I. Relações Intergeracionais	3
1. Evolução histórica da família	3
2. Importância da família no desenvolvimento humano e nas relações entre os seus membros	4
3. Coesão e apoio familiar – impacto e repercussões nas relações intergeracionais	6
Capítulo II. Homossexualidade	10
1. Evolução histórica	10
2. Identidade homossexual	12
3. Revelação e apoio familiar	14
Capítulo III. Personalidade e Neuroticismo	18
1. Personalidade – concepções e significados	18
2. Traços e dimensões de personalidade	18
3. Neuroticismo	19
PARTE II. ESTUDO EMPÍRICO	22
Capítulo IV. Metodologia	22
1. Caracterização geral do estudo	22
2. Questões de investigação	22
3. Hipóteses	23
4. Método	24
4.1. Caracterização da amostra	24
4.2. Instrumentos	24
4.2.1. Formulário de consentimento informado	25
4.2.2. Questionário sociodemográfico	25
4.2.3. Índice de Solidariedade Familiar Intergeracional	25
4.2.4. Inventário de Abertura	26
4.2.5. NEO PI-R	27
5. Procedimento e análise de dados	28
Capítulo V. Apresentação e discussão dos resultados	31
1. Análise descritiva dos resultados	31
1.1. Dados sociodemográficos	31
1.2. Índice de Solidariedade Intergeracional (Bengtson & Roberts, 1991)	31

1.3. Inventário de Abertura (<i>Outness Inventory</i> , Mohr, 2005)	32
1.4. <i>NEO PI-R</i> (Costa & McCrae, 1992)	32
2. Análises inferenciais	32
3. Discussão dos resultados	39
Capítulo VI. Conclusões	47
1. Conclusões e considerações finais	47
2. Limitações e implicações futuras	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

Índice de tabelas

Tabela 1. Caracterização da amostra relativamente ao género, nível de escolaridade, local de residência e orientação sexual.....	31
Tabela 2. Médias das dimensões da variável solidariedade intergeracional	32
Tabela 3. Análise da variância da solidariedade intergeracional em função da orientação sexual.....	33
Tabela 4. Análise da variância da solidariedade intergeracional em função da orientação sexual e do género	35
Tabela 5. Diferenças na perceção de solidariedade intergeracional em função do género dos pais para a subamostra não heterossexual (<i>t de test</i> para amostras emparelhadas).....	36
Tabela 6. Diferenças de perceção de Solidariedade conflitual (ESI 4) em função do género e orientação sexual (<i>t de test</i> para amostras emparelhadas)	37

Índice de anexos

Anexo 1. Consentimento Informado	60
Anexo 2. Questionário Sociodemográfico	61
Anexo 3. Índice de Solidariedade Intergeracional	66
Anexo 4. <i>NEO PI-R</i>	71
Anexo 5. Inventário de Abertura.....	72

Introdução

A pertinência deste estudo remete para uma tentativa de exploração das relações familiares tendo em conta a orientação sexual dos seus membros, neste caso em particular dos filhos. Assim, ao longo desta dissertação serão apresentados dados que evidenciam semelhanças e diferenças na relação pais-filhos quando estes se identificam com uma orientação não heterossexual (lésbica, gay ou bissexual) comparativamente aos que se consideram heterossexuais.

A questão da orientação sexual no estudo psicológico da sexualidade humana não é recente. Ao longo dos anos têm sido evidentes as mudanças de perspetivas acerca da homossexualidade, nomeadamente na forma como esta é encarada (Young-Bruehl, 2010, cit. in., Oliveira, Pereira, Costa, & Nogueira, 2010). De uma visão patológica aos movimentos sociais de gays e lésbicas, passando pelos resultados empíricos provenientes de estudos levados a cabo por profissionais de saúde mental e da própria Associação Psiquiátrica Americana (APA), o lugar da homossexualidade na sociedade passou a ser tema de estudo. Foram focos de análise as características psicossociais dos homossexuais ou as próprias atitudes da sociedade para com este tipo de população (Oliveira et al., 2010). Apesar da evolução recente, nos dias de hoje ainda não se pode afirmar que a homossexualidade seja encarada com normalidade, pois preconceitos e atitudes discriminatórias face a estes indivíduos não desapareceram totalmente. Deste modo, torna-se importante analisar o impacto destas atitudes no próprio contexto familiar e no apoio que as pessoas não heterossexuais percebem no seu seio, apoio esse fulcral no desenvolvimento do indivíduo e na sua adaptação ao mundo que o rodeia.

Para lidar com as consequências que uma orientação sexual não normativa poderá ainda suscitar ao nível das relações sociais, a existência de um contexto familiar apoiante e solidário, transmissor de segurança e de conforto pode ser particularmente importante na formação e consolidação da identidade dos indivíduos LGB e na revelação aos outros desta sua identidade. Além das relações familiares, também existirão fatores da personalidade que poderão minimizar ou maximizar a forma como o indivíduo lida com os acontecimentos. O neuroticismo, ou seja, o modo como o indivíduo lida com as emoções face a determinadas situações particularmente stressantes, merecerá particular destaque ao longo do presente estudo. Não se prevê encontrar diferenças de neuroticismo entre a população não heterossexual, considerando que a discriminação social pode tornar mais difícil a gestão de situações quotidianas, a dificuldade será mais aguda em sujeitos mais

ansiosos e mais vulneráveis (características do neuroticismo) face a situações de rejeição social. A sua focalização sobre os aspetos negativos da situação poderá reduzir a sua percepção de solidariedade. Assim, a investigação aqui apresentada tem como objetivo principal analisar as variações de percepção de solidariedade intergeracional intrafamiliar por parte dos jovens, em função da sua orientação sexual e do seu nível de neuroticismo. Observará ainda, em jovens não heterossexuais, em que medida esta percepção está associada à revelação da sua identidade aos membros da família.

Deste modo, a presente investigação encontra-se organizada em duas partes, concetual e empírica, divididas por capítulos que seguem a seguinte estrutura: no capítulo I, será feito um enquadramento concetual do estudo que visa permitir uma melhor compreensão do conceito de família e suas dinâmicas, assim como das principais mudanças ocorridas na sociedade que conduziram a alterações na visão e compreensão deste conceito. Salientar-se-á ainda a importância da qualidade das relações interpessoais da família no desenvolvimento dos seus membros. Segue-se o capítulo II com a abordagem ao tema da homossexualidade, apresentando as evoluções associadas à forma como esta é encarada pela sociedade para a contextualizar. Será ainda realizada uma breve explanação da temática da identidade sexual fazendo referência a uma corrente teórica tradicionalmente direcionada ao estudo desta tarefa normativa da vida do sujeito. Na medida em que existem fatores que dificultam a consolidação da identidade sexual na população não heterossexual, seguidamente será analisado o processo de revelação desta identidade, realçando, neste quadro, a importância do apoio percebido pelo sujeito não heterossexual por parte da sua família. A segunda parte inicia-se pelo enquadramento do estudo empírico: será apresentada, no capítulo IV, uma descrição dos objetivos que conduziram à formulação deste estudo, as suas variáveis e hipóteses, bem como a metodologia de investigação (amostra, instrumentos e procedimento). O capítulo V apresentará os resultados e a discussão. Por fim, serão salientadas as principais conclusões do estudo, referenciando as suas limitações metodológicas e principais contributos no âmbito de outros estudos que colaboram no questionamento das concepções associadas aos indivíduos com uma orientação sexual não normativa, numa tentativa de re-situar o direito e a liberdade de escolha da orientação sexual no seio dos direitos humanos fundamentais.

PARTE I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo I. Relações Intergeracionais

1. Evolução histórica da família

A família está presente em praticamente todas as sociedades humanas, mesmo naquelas que diferem das nossa relativamente a costumes sexuais e/ou educacionais, constituindo assim um fenómeno universal (Strauss, Gough, & Spiro, 1977). Esta instituição sofreu alterações evolutivas ao longo do tempo (Silva, 2011). Nas sociedades modernas, a definição tradicional de família foi desaparecendo, acompanhada por uma mudança de sentido e de forma devido à individualização social (Singly, 2011). Esta individualização social diz respeito à capacidade do indivíduo tomar decisões acerca de si próprio. Assim, o indivíduo é o principal ator e construtor dos seus percursos, identidade, pertenças e compromissos, dando origem a uma nova forma de organizar a sua vida (Mitjavilla & Jesus, 2004).

Deste modo, a conceção associada à família tradicional, isto é, uma constituição familiar marcada pela autoridade patriarcal, pela submissão dos interesses individuais aos interesses coletivos e até pelo casamento como contrato económico, deu lugar à família moderna (Singly, 2011). A partir do final do século XIX, a família tornou-se um lugar onde os sujeitos esperam poder desenvolver e definir a sua individualidade, não esquecendo ou desvalorizando os valores e normas da família que regulam a relação entre os seus membros. O individualismo que acompanha a transição para as famílias modernas influencia também o afeto e a relação mútua entre os seus membros. No casamento, o afeto e a relação mútua ganharam outro significado. Embora continue presente a ideia de que a família é uma instituição criada com o intuito de desempenhar tarefas de cariz social, como a procriação, a educação das crianças e a transmissão de cultura, novos matizes caracterizam a noção atual da família (Michel, 1983). Assim, verifica-se uma dissipação da ideia de contrato em prol da valorização do amor conjugal e da satisfação individual na relação, de que resulta uma maior fragilidade e instabilidade dos casamentos e, conseqüentemente, um aumento do número de divórcios ou até da própria coabitação fora do casamento. O fenómeno da coabitação apresentou assim um crescimento significativo a partir da segunda metade do século XX. Trata-se de um cenário semelhante ao do casamento, muitas vezes podendo constituir uma etapa anterior a um casamento que se avizinha. Diversos estudos sociológicos afirmam que a

coabitação dá também origem a uma família, isto é, que as relações sociais que aqui se formam são semelhantes aquelas que têm a sua origem no casamento (Amaro, 2014).

A contestação da divisão do trabalho entre o homem e a mulher, nomeadamente a ideia que o lugar exclusivo da mulher é no seio familiar, levadas a cabo por movimentos feministas, bem como a redução do número de filhos e o maior investimento em cada criança, particularmente em áreas da saúde e da educação, constituem outros fenómenos que levaram à modificação da família (Leandro, 2001; Singly, 2011). Importa salientar que as transformações progressivas da família são o espelho das mudanças sociais. Em suma, a emancipação feminina e a transformação social do estatuto da mulher, a força do amor e do afeto na relação, superando o poder de instituição, a reivindicação da autonomia e independência do indivíduo no plano da vida privada, a mudança na forma de encarar a sexualidade e a privacidade dos laços conjugais são alguns dos fatores que caracterizam esta família moderna (Silva & Relvas, 2002; Singly, 2011). Todos estes aspetos que resultam da industrialização progressiva das sociedades ocidentais que datam do século XIX e da sua posterior terciarização, foram responsáveis por estas transformações no universo familiar, cujos efeitos ainda hoje se manifestam (Leandro, 2001).

2. Importância da família no desenvolvimento humano e nas relações entre os seus membros

Segundo estudos desenvolvidos na área da psicologia familiar, a família é o contexto promotor do desenvolvimento da personalidade individual – individualização. Esta, apesar de se referir à definição do próprio sujeito, constrói-se numa perspetiva relacional, no relacionamento com os outros (Gimeno, 2001). Inicialmente, o processo de configuração do *self* na adolescência, assume, maioritariamente, as características que a família lhe atribui, sendo que só posteriormente o indivíduo se torna capaz de alcançar a sua própria identidade (Vitale, 2010).

A influência direta da família na socialização pode assumir diversas formas: ser intencional ou não, formal ou informal, mais ou menos espontânea, etc., mas é consensual que é a família que incute e desenvolve no sujeito um sistema de valores, atitudes e crenças em relação ao mundo (Gimeno, 2001). Assim, no variado leque das múltiplas funções desempenhadas pela família, a função que mais se destaca é a criação e a educação dos filhos. Neste processo de ser pai ou mãe são transmitidas competências sociais, emocionais

e cognitivas, preparando-se a criança para viver no contexto que integra e rodeia (Marujo, 1997). Para tal, segundo Lin e Wu (2014) e Coimbra e Mendonça (2013), nos dias de hoje, o apoio instrumental e afetivo é particularmente importante na relação dos pais com os filhos/adultos emergentes, devido à situação económica que leva a que a ajuda, instrumental nomeadamente, se prolongue até uma idade mais tardia. O ensino de diversas maneiras de lidar consigo próprio, com os acontecimentos e experiências do quotidiano, pode ser potenciador de desenvolvimento e adaptação harmoniosos ou, ao contrário, desencadeador de problemas e conflitos, consoante as características dos progenitores (pessoais, conjugais e educativas), dos filhos e do tipo de relação e de comunicação que existe entre todos (Ashmore & Brodzinsky, 1986, Siegel, 1985, cit. in., Marujo, 1997).

Apesar das mudanças operadas no seio da família mencionadas anteriormente, continua a ser notória a sua influência na qualidade do desenvolvimento dos seus membros (Arranz, 2004, cit. in., Freijo & Delgado, 2010; Bornstein, 2005). A existência de um contexto familiar de qualidade manifesta-se fundamental para que ocorra um desenvolvimento harmonioso ao longo da infância e da adolescência. Um contexto familiar de qualidade remete-nos, segundo Pettit et al. (1997) (cit. in., Freijo & Delgado, 2010), para um espaço caracterizado por estabilidade económica, ausência de acontecimentos stressantes, ajustamento da criança e/ou jovem à família, predominância de relações afetivas positivas e sólidas e baixos índices de conflito intrafamiliar, acompanhado de apoio social externo. Deste modo, a existência de relações pais-filhos seguras, responsivas e sensíveis prediz a maneira como os jovens encaram e respondem ao mundo e às relações que nele acontecem (Schneider, Atkinson, & Tardif, 2001, cit. in., Freijo & Delgado, 2010; Steinberg & Sheffield, 1986). Concluindo, relações familiares de qualidade promovem e potencializam o ajuste socioemocional e a construção de futuras relações sociais ajustadas (Steinberg & Silverberg, 1986). Uma vez asseguradas estas relações, o indivíduo manifestará uma maior competência social, maior autoestima e bem-estar psicológico (Elizur & Ziv, 2001).

Apesar da família ser uma instituição universal, foram observadas alterações intrafamiliares decorrentes das diferentes etapas de vida familiar, para cada geração (jovens, adultos, idosos), em função das dinâmicas do contexto social (Scott, 2008; Silva, 2011). O conceito de ciclo vital da família tem vindo a ser cada vez mais estudado e aperfeiçoado (Böing, Crepaldi, & Moré, 2008; Relvas & Alarcão, 2002). Existe em todos os seres humanos uma ideia intuitiva do seu significado motivado pela própria experiência e sentimento de pertença a um sistema deste tipo. Relvas (1996) defende que o ciclo vital da

família integra uma perspectiva desenvolvimentista e diz respeito uma “sequência previsível de transformações na organização familiar, em função do cumprimento de tarefas bem definidas que caracterizam essas mesmas etapas” (p.16). Este ciclo integra diversos fatores como a dinâmica interna do sistema, as características individuais e a relação que os membros estabelecem com diversos contextos (Relvas, 1996). Uma fase do ciclo de vida familiar corresponde à fase de transição dos filhos para a idade adulta. Os adultos emergentes continuam a beneficiar da presença de relações significativas e responsivas por parte dos seus familiares, nomeadamente dos pais (Steinberg & Silverberg, 1986). Porém, o controle e a ligação emocional com estes transformam-se à medida que o sujeito se vai individualizando, traduzindo uma menor dependência e substituindo a relação associada às idades anteriores por uma relação baseada na confiança mútua e na comunicação aberta (Freijo & Delgado, 2010; Silva, 2011).

3. Coesão e apoio familiar – impacto e repercussões nas relações intergeracionais

Caraterizada como um sistema, a família, é um grupo que reúne esforços para promover a coesão entre os seus membros, dando origem a uma identidade familiar que visa aproximar os indivíduos que a compõem (Gimeno, 2001). A coesão familiar – força a favor da unidade familiar que remete para o grau de proximidade que os membros da família manifestam entre si, dando origem a um todo partilhado, é um princípio fundamental quer para a estrutura do sistema, quer para as pessoas que deste fazem parte (Gimeno, 2001).

Beavers (1995) (cit. in., Gimeno, 2001) tem realizado estudos no âmbito da coesão familiar tendo por base os contributos de Minuchin, pai da tipologia estrutural, em que as famílias se podem situar num continuum, tendo num extremo as famílias desmembradas ou centrífugas e num outro extremo as famílias emaranhadas ou centrípetas. O primeiro tipo de família facilita a coesão familiar através de uma superproteção dos seus membros e da existência de uma relação de grande dependência, originando uma aliança forte entre eles. Devido ao facto de se atribuir à coesão familiar uma forte importância, podem ocorrer conflitos que interpelam a possibilidade do indivíduo cultivar a sua própria individualidade. Este tipo de famílias dá primazia à imagem que transparecem aos outros, preservando a ideia de harmonia familiar. Relativamente às famílias centrífugas, estas refletem um cenário inverso, ou seja, tendem a favorecer a autonomia e a individualidade de cada membro. Trata-se de uma relação aberta, facilitadora de expressão e assertividade. Estas também

podem ser patológicas pois promovem em demasia a autonomia dos membros mais novos quando estes não estão preparados para tal, dando origem, por exemplo, a situações de delinquência (Sampaio & Gameiro, 1985).

Segundo Gimeno (2001), o desejo de uma família coesa potencia a harmonia da identidade pessoal e familiar, na medida em que a família constituiu um grupo ao qual o sujeito deseja pertencer, onde se sente protegido e apoiado na construção da sua identidade. Contudo, a coesão e a identidade familiar poderiam ser particularmente vulneráveis face a obstáculos criados por um sistema que parece não ter abertura suficiente para integrar a diversidade, colocando em causa a identidade grupo (Gimeno, 2001). Esta vulnerabilidade pode manifestar-se em casos em que a família não aceite a orientação sexual não normativa dos seus membros. Se o sujeito não se sente apoiado ou se se vê a si próprio como uma ameaça para a identidade do grupo, pode procurar o distanciamento do sistema para desenvolver a sua individualidade.

Ora, apesar dos indivíduos poderem discordar com a sua família, na sociedade em geral é impossível esquecer que a família é um importante fator de coesão e apoio social (Chambel, 2011). O apoio social pode incluir pais e outros familiares, amigos e vizinhos nas diferentes situações de vida que, juntos, dão origem a uma rede de relações sociais. É nesta rede de relações, nas interações e influências mútuas entre o indivíduo e o seu contexto, que o conceito de *self* e a identidade se constroem. Este contexto inclui as relações sociais que cada um estabelece com os membros da própria família (Heller, Swindle, & Dusenbury, 1986; Vaux, 1988, cit. in., Fontaine, & Matias, 2003). Assim, o apoio social encontra-se diretamente relacionado à imagem de si próprio, aspeto central do desenvolvimento dos indivíduos que resultará da integração de diferentes experiências e da sua interpretação (Antunes & Fontaine, 2005).

Este apoio proveniente dos vários grupos de socialização pode variar com o tempo, devido às mudanças nas relações com os outros. Durante a adolescência e no início da idade adulta, o apoio social é crucial devido à estreita interdependência que se estabelece entre o indivíduo e o grupo, nomeadamente em termos de apoio emocional, lealdade, compreensão e intimidade (Fontaine & Matias, 2003). A família, é no entanto, o grupo de referência primordial durante estas fases da vida, já que, segundo Erickson (1978), “a família protege a intimidade dos seus membros, mantendo os estranhos a uma distância considerável e atenuando as mudanças sociais, criando um marco espacial e temporal que facilita a assimilação das mudanças externas pelo indivíduo” (cit. in., Gimeno, 2001, p. 61). A família

é encarada como pilar do crescimento de crianças e jovens, tanto a nível pessoal como social, nomeadamente ao que diz respeito à transmissão de valores e ao desenvolvimento e construção da personalidade (Fontaine & Matias, 2003). Constitui também um lugar de transmissão de afetos e de criação de laços intergeracionais duradouros, fatores importantes para a coesão familiar nas sociedades modernas (Lowenstein, Katz, & Gur-Yaish, 2007).

Recentemente os estudos que abordam as temáticas das relações intergeracionais têm direcionado os seus esforços para a análise da qualidade das relações familiares e suas consequências (Vanderbilt-Adriance & Shaw, 2008). Tendo em conta a importância da família, dos membros que a constituem e a reciprocidade das relações, a análise do apoio entre estes membros permitirá compreender a importância da qualidade das relações, a satisfação que suscitam e as suas repercussões a diversos níveis. Quando o apoio mútuo é satisfatório, origina uma visão comum das prioridades familiares, permitindo negociar regras relacionais, bem como promover a tomada de decisões e a resolução de problemas (Noller, Feeney, Sheehan, & Peterson, 2000). Associados a estas relações, encontra-se a existência de sentimentos de afeto e a frequência dos contactos. Estes dois aspetos estão reciprocamente relacionados na medida em que quanto mais pais e filhos frequentemente se relacionam e apoiam, maior afeto desenvolvem uns pelos outros. A relação entre o contacto e o afeto entre os filhos e os seus pais abre a possibilidade de melhoria da qualidade das relações através da promoção do contacto social (Lawton, Silverstein, & Bengtson, 1994, cit. in., Braz et al., 2013). Posto isto, a convivência entre pessoas que comunicam entre si conduz à existência de relações significativas e positivas que fomentam a compreensão mútua das necessidades do outro, a autoestima, a saúde e a abertura para redes de apoio social externo, pois devido às suas funções emocionais, instrumentais e informativas facilitam o acesso a uma vida saudável a diversos níveis (Caballo, 1993, Gambrill, 1995, Trower, 1995, cit. in., Braz et al., 2013).

Bengtson e Roberts (1991), desenvolveram um paradigma da solidariedade intergeracional que considera as relações mútuas entre pais e filhos. O modelo, já sujeito a remodelações, apresenta uma série de dimensões que avaliam uma multiplicidade de relações familiares, a saber: a intimidade e a distância (Solidariedade afetiva), o grau de concordância ou desacordo entre os membros (Solidariedade conflitual), a dependência e autonomia (Solidariedade funcional), o isolamento ou integração (Solidariedade associativa), as oportunidades e barreiras ao apoio (Solidariedade estrutural) e, por último, o familismo e o individualismo (Solidariedade normativa) (Bengtson, Giarusso, Mabry, &

Silverstein, 2002). Devido ao interesse dessas múltiplas dimensões, será esta a escala aplicada no presente estudo.

Constatou-se que as relações familiares são as mais complexas e duradouras daquelas que construímos ao longo de toda a vida e refletem-se em todo o nosso funcionamento e desenvolvimento (Fontaine & Matias, 2003). Além disso, diversas pesquisas realizadas demonstram que relações familiares e sociais positivas podem ser um fator protetor ou, se negativas ou ausentes, de vulnerabilidade, nomeadamente quando há risco de exclusão social (Del Prette & Del Prette, 2001, cit. in., Braz et al., 2013). Este efeito tem implicações maiores quando os filhos fazem parte de um grupo minoritário ou socialmente discriminado, como é o caso dos filhos cuja orientação sexual é não normativa. Ainda mais nestes casos, a qualidade das relações entre pais e filhos, enquanto fator protetor de riscos psicossociais, pode promover uma inclusão social positiva e o desenvolvimento de um sentimento de pertença social e assim contribuir para a consolidação da identidade desses jovens.

Assim, face à importância da solidariedade intergeracional na família em situações de vulnerabilidade, o próximo capítulo abordará a orientação sexual homossexual e a importância do apoio das diferentes redes de suporte face a uma identificação com uma orientação não heterossexual. Esta análise manifesta-se pertinente porque, no caso particular destes indivíduos, as relações intergeracionais podem sofrer alterações, visto frequentemente existir um conflito entre as expectativas parentais e o processo de descoberta e revelação de uma orientação não heterossexual.

Capítulo II. Homossexualidade

1. Evolução histórica

A diversidade humana tem sido alvo de diferentes estudos, interpretações e comentários, sobretudo no que respeita à temática da orientação sexual. Embora sendo apresentada com várias designações, a homossexualidade é universal na medida em que sempre existiu ao longo de todos os períodos históricos, atravessando diversas culturas (Albuquerque, 2003; Frazão & Rosário, 2008). Contudo, é um conceito que tem vindo a ser estudado e reformulado (Poeschl, Venâncio, & Costa, 2012). O termo homossexualidade deriva da raiz grega “*homo*” que enfatiza a semelhança, nomeadamente entre dois indivíduos do mesmo sexo que estão envolvidos numa relação sexual (Alfred Kinsey, 1948, cit. in., Brown & Fee, 2003).

Ao contrário do que a maioria das pessoas perceciona, a homossexualidade nem sempre foi encarada como algo errado ou acompanhada por uma conotação negativa, pois em várias civilizações antigas, como é o caso da Ásia e da América do Sul, era vista como um fenómeno natural. Em civilizações como a grega, as relações sexuais entre dois homens eram, em determinadas condições, uma prática encorajada, sendo parte integrante da sociedade, dos ritos e tradições (Naphy, 2004).

Porém, a conceção referida anteriormente mudou radicalmente, pois a homossexualidade passou a ser encarada como socialmente errada e mesmo anormal (Poeschl et al., 2012). Naphy (2004), associa esta mudança concetual à religião judaico-cristã e à consequente interpretação das suas escrituras, que consideravam a homossexualidade como uma forma de pecado severamente punido à semelhança de outros comportamentos não normativos. Em suma, assistiu-se, a partir da cultura judaico-cristã, a um desenvolvimento e difusão do preconceito no Ocidente e por todo o resto do mundo. As atitudes negativas face à homossexualidade, encarada como o pecado, e face aos homossexuais, os pecadores, foram assim assimiladas pela maioria das culturas (Poeschl et al., 2012).

No início do século XX a homossexualidade era vista como uma patologia (Herek, 2004, cit. in., Poeschl, et al., 2012), tendo surgido teorias biológicas que a associavam a fatores de carácter genético e explicações baseadas nos níveis de hormonas sexuais ao longo do desenvolvimento pré-natal (Frazão & Rosário, 2008). Em 1952, a Associação Psiquiátrica Americana (APA) decidiu inserir a homossexualidade no manual de

Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, sendo que esta classificação se estendeu também para a classificação internacional da Organização Mundial de Saúde (Albuquerque, 2003; Clarke, Ellis, Peel, & Riggs, 2010). A partir dos anos 1960 observou-se uma maior tolerância face às minorias LGBT, impulsionada pelos movimentos de liberdade civis e democráticas e ideias relacionadas com os direitos das minorias, a igualdade entre homens e mulheres e entre “raças” em países como a França e os EUA (Almeida, 2010, cit. in., Poeschl et al., 2012). Nos anos 70, a pesquisa psicológica sobre a homossexualidade focava-se ainda na evocação da crença relativa ao seu carácter patológico (Oliveira et al., 2010). Contudo, é a partir desta altura que os estudos e pesquisas nesta temática passaram a ter como preocupação principal a identificação e compreensão das características psicossociais da população LGBT e das atitudes sociais face a esta população (Oliveira et al., 2010). Foi ainda nesta época, em 1971, que Smith fez referência, na literatura psicológica, ao termo *homofobia* - sentimento de hostilidade face às pessoas com orientação homossexual. Mais tarde, o psicólogo George Weinberg alastrou o conceito, definindo-o como o medo irracional face à homossexualidade e às pessoas homossexuais (Gato, Carneiro, & Fontaine, 2011; Herek, 2004, cit. in., Poeschl et al., 2012). Só anos depois, a Associação Psiquiátrica Americana (APA) adotou uma nova política na maneira de encarar a homossexualidade, defendendo, num primeiro momento, que esta condição não estaria associada a qualquer prejuízo nas capacidades sociais dos sujeito, sendo, mais tarde, retirada do leque de distúrbios mentais devido à pressão dos movimentos sociais gays, lésbicos e dos movimentos feministas. Contribuíram também para tal os trabalhos de profissionais da área da saúde mental que alertaram para a ausência de resultados empíricos que corroboravam a ideia da homossexualidade como sendo patológica (Oliveira et al., 2010). Os estudos desenvolvidos nesta altura tinham como objetivo demonstrar as numerosas semelhanças entre a população homossexual e heterossexual, de maneira a desfazer os preconceitos, modificando a visão associada a esta população específica (Clarke et al., 2010). Sendo a ignorância a causa principal de discriminação, foram promovidas e divulgadas informações sobre a homossexualidade, enfatizando a normalidade da população homossexual, como igual à população heterossexual exceto no que respeita à atração sexual (Fernández, Fernández, & Castro, 2013).

Em Portugal, a revolução do 25 de Abril de 1974 trouxe consigo a restauração da liberdade de associação e expressão, que permitiu à homossexualidade e ao movimento LGBT alguma emancipação (Santos, 2005). Mudanças positivas face a este tipo de

orientação sexual foram observadas, como por exemplo a assunção da ideia de que a homossexualidade é uma variante natural da expressão da atração erótica e dos relacionamentos ou patentes em leis como a que autoriza o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Contudo, apesar destes desenvolvimentos positivos, existem ainda preconceitos e falta de informação sobre a homossexualidade (Scardua & Filho, 2006). Deste modo, tem-se assistido a uma diminuição das formas tradicionais e hostis de preconceito, dando lugar a formas mais subtis adaptadas a contextos sociais pautados por uma significativa e acentuada norma social de igualdade (Gato, Carneiro, & Fontaine, 2011). Estudos desenvolvidos na área, como o de Gato e Fontaine (2012), apontam para a ideia de que as atitudes menos negativas apresentam uma correlação significativa com variáveis como a idade mais jovem, o nível educacional mais elevado e são manifestadas maioritariamente por mulheres.

Na medida em que a orientação homossexual é ainda alvo de preconceito, importa analisar de que modo se constrói e processa a identidade LGB neste contexto, ciente da sua importância para o bem-estar da própria pessoa e qual o papel da percepção que a pessoa tem da solidariedade intergeracional, ou seja, apoio recebido pelos outros na assunção desta identidade.

2. Identidade homossexual

Apesar de se constituir como uma tarefa normativa na adolescência, a formação da identidade inicia-se mais cedo e continua a desenvolver-se ao longo de toda a vida do indivíduo estando sempre sujeita a eventuais alterações (Frazão & Rosário, 2008).

A identidade sexual é um conceito constituído por três componentes essenciais, sendo elas a orientação sexual, a identidade de género e os papéis sexuais. A primeira refere-se à atração sexual e/ou emocional dirigida a pessoas do mesmo sexo e está associada a fantasias, ao erotismo, a desejos desencadeados pela presença real e/ou imaginada dessas pessoas. A esta componente associam-se ainda o desenvolvimento de uma consciência pessoal sobre a preferência diferenciada por homens ou por mulheres, enquanto parceiros sexuais e/ou amorosos (Carneiro, 2009). A identidade de género diz respeito ao modo como cada pessoa se classifica a si mesma enquanto homem ou mulher, em função das representações socioculturais do masculino e do feminino. O género é uma categoria construída a partir dos contributos e influências sociais e culturais e das trocas relacionais. Na integração dos processos maturativos, psicológicos, relacionais, socioculturais e

ideológicos, o sujeito vai-se construindo e reconstruindo, nomeadamente através do seu sentimento de pertença a um grupo. Assim, os estereótipos de género, reforçados em espaços de pertença familiar, social e institucional, afetarão necessariamente a construção da identidade sexual. Integrados no percurso identitário do sujeito, conduzem a uma desvalorização do jovem enquanto ser sexualmente “diferente”, percecionando-se como sendo “menos homem” ou “menos mulher” pelo fato de ser gay ou lésbica (Carneiro, 2009). Por último, a componente dos papéis sexuais corresponde à forma como se traduz a identidade em termos comportamentais, como são desempenhadas tarefas e manifestados comportamentos considerados como “masculinos ou femininos” pelo contexto social. Contudo, os papéis sexuais apresentam variações de contexto para contexto, ou seja, aqueles que cada um de nós assumirá dependem dos modos pessoais de nos identificarmos ou não com os outros e da forma como os comportamentos são entendidos e validados socialmente ou não. O processo de desenvolvimento da autodefinição como lésbica ou gay implica uma construção identitária como membro pertencente a um grupo social que é minoritário (Carneiro, 2009). O desenvolvimento da identidade foi teorizado tendo em conta uma abordagem em termos de estádios. Assim, na década de 80 foram desenvolvidos uma série de modelos que descrevem este processo. Apesar das suas variações, todos eles referem a existência de quatro elementos principais: a consciência de sentimentos homossexuais, a exploração da homossexualidade, a aceitação da mesma e finalmente a integração dessa identidade (Clarke et al., 2010). Um desses modelos, desenvolvido por Fassinger et al., (1996), traduz este processo de diferenciação, complexificação e integração crescente das diversas componentes da identidade para promover um sentido pleno de identidade sexual definida como gay ou lésbica. A primeira fase é a fase da “consciência” que se relaciona com a sensação pouco clara e emergente da não identificação com a norma heterossexual, conduzindo a questionamentos sucessivos relativamente a si próprio. A fase seguinte é denominada “exploração”, visto que o sujeito explora ativamente os seus sentimentos, desejos e pensamentos que anteriormente apareciam de um modo mais vago, clarificando a ideia de diferença. Existe uma tentativa de definir uma posição pessoal em referência a outras pessoas que partilhem uma orientação igual à sua, promovendo sentimentos de pertença. Para esta exploração, a existência e disponibilidade de recursos, sejam eles informativos ou pessoais, permite que o sujeito consolide o seu sentido de diferença. A terceira fase remete-nos para o “compromisso”, ou seja, o reconhecimento do desejo homossexual como reflexo de si mesmo, conduzindo a um sentimento de autorrealização.

Por último, ocorre a “internalização”, pautada por uma autoaceitação do desejo e do amor por pessoas do mesmo sexo. A pessoa integra a sua identidade sexual na identidade global, o que se traduz em sentimentos de segurança (cit. in., Carneiro, 2009).

Este e outros modelos são sujeitos a algumas críticas como a sua rigidez, já que apresentam a identidade e o seu desenvolvimento como um processo linear e sequencial, o que na realidade não acontece. Os indivíduos podem não passar por todos os estágios, completando, da mesma forma, o processo de desenvolvimento e formação da identidade. Outra crítica prende-se como facto de ignorarem o contexto social que pode facilitar ou dificultar o desenvolvimento, pois este é responsável por diferenças significativas que ocorrem em experiências de desenvolvimento da identidade em grupos minoritários, como é o caso da população LGBT (Clarke et al., 2010).

De acordo com o que foi anteriormente mencionado e fazendo referência às diferentes etapas, o sujeito desenvolverá uma visão tanto mais integradora do mundo, transcendendo os sentimentos de culpa e insegurança anteriormente experimentados, quanto mais se sente apoiado e aceite pela sua família, com a qual partilha valores e normas comuns (Carneiro, 2009). A carência de pesquisas no âmbito positivo das experiências dos jovens LGB, até agora essencialmente focalizadas nos aspetos negativos ou o recurso a amostras insuficientes, têm sido alguns dos problemas mencionados que conduzem a uma imagem depreciativa acerca da identidade não heterossexual (Savin-Williams, 2001).

Os desafios associados à orientação homossexual ao nível da identidade, terão implicações a um nível microssistémico das relações dos jovens LGB com familiares, nomeadamente a perceção de apoio e aceitação da família da qual poderá depender a revelação desta orientação sexual aos familiares.

3. Revelação e apoio familiar

O processo de revelação é um processo complexo que acarreta algumas particularidades, pois segundo estudos desenvolvidos por Hiller (2002) e por Lasser e Tharinger (2003) (cit. in., Clarke et al., 2010), os sujeitos LGBT estão conscientes do estigma associado à sua orientação, assim como das possíveis consequências. Nestes estudos, os jovens referem que, anteriormente ao momento da revelação, realizaram um levantamento e avaliação dos seus ambientes (casa e grupos de pares). Estas informações permitiram-lhes perceber se era seguro ou não a divulgação, assim como avaliar a perceção de apoio que poderiam receber.

Neste contexto, a presença de uma relação sólida e segura com os pais baseada na comunicação é um fator favorável à revelação, pois os pais que manifestam uma melhor comunicação, um maior nível de conhecimento e de informação acerca das atividades, atitudes e valores dos seus filhos promovem a sua autonomia e fomentam um maior ajustamento e competência social (Allen et al., 1994, Hodges, Finnegan, & Perry, 1999, Metsapelto & Juujarvi, 2006, cit. in., Freijo & Delgado, 2010; Parra, Oliva, & Sánchez-Queija, 2015). Pelo contrário, quando os pais não aceitam a individualidade dos seus filhos e atribuem conotações negativas aos seus pensamentos e ideias, impõem alguns constrangimentos e limitações no que diz respeito ao seu desenvolvimento pessoal retirando o afeto e o apoio em casos de discordância (Freijo & Delgado, 2010). Tais atitudes tendem a potencializar nos indivíduos maiores níveis de comportamento ansioso e depressivo e mais dificuldades relacionais que se refletirão na sua identidade pessoal (Rueter & Conger, 1995).

No caso específico dos indivíduos LGB, o processo de *coming out*, na adolescência ou em idades mais tardias, relaciona-se com o facto de o sujeito assumir uma identidade não heterossexual (Huegel, 2011). Tratando-se de um desafio num contexto maioritariamente heterossexual, a revelação é contudo um importante marco no desenvolvimento do indivíduo (Clarke et al., 2010). Esta resulta de um processo dinâmico e complexo, que responde a uma necessidade inerente à consciência de si e ao estabelecimento de relações de qualidade, nomeadamente com pessoas significativas (Frazão & Rosário, 2008). A tomada de consciência da não identificação com a norma heterossexual e as circunstâncias que envolvem a revelação, fazem do *coming out* um processo organizador da consciência individual como gay ou lésbica (Markowe, 1996, cit. in., Carneiro, 2009).

Quando os contextos sociais e culturais, os ambientes familiares e os grupos de pares são vistos como pouco compreensíveis é mais difícil para os jovens assumirem a sua identidade como gays ou lésbicas. As manifestações de rejeição podem originar sentimentos de desproteção e vulnerabilidade no sujeito. Pelo contrário, se os jovens percecionam um elevado suporte por parte das figuras parentais, apresentarão níveis mais elevados de satisfação com a sua orientação sexual (Elizur & Ziv, 2001).

Numerosos estudos constatavam que, no contexto familiar, a mãe surge como primeiro alvo da revelação, pois os pais (homens) são menos tolerantes face à aceitação da orientação LGB dos seus filhos (D'Augelli & Hershberger, 1993; Remafedi, 1987, Savin-Williams, 1990, D'Augelli, 1991, Telljohann & Price, 1993, cit. in., D'Augelli, Hershberger, & Pilkington, 1998; Savin-Williams & Ream, 2003). Este resultado vai de encontro ao

modelo de assimetria simbólica abordado por Amâncio (2004) que refere que esta conceção se relaciona com a diferenciação de papéis entre a figura paterna e a figura materna, na medida em que esta última é mais frequentemente associada a representações de expressões de carinho e afetos, do que a figura paterna (cit. in., Carneiro, 2009; Savin-Williams & Ream, 2003).

Contudo, nas fases iniciais da revelação é muito comum a tentativa dos familiares em encontrarem justificações para a orientação sexual dos filhos, às quais se associam sentimentos de vergonha, incentivados pelo receio de que a homossexualidade seja fruto de uma parentalidade inadequada. Emergem também sentimentos de perda em relação ao futuro idealizado como heterossexual, particularmente no que se relaciona ao casamento e a parentalidade (Frazão & Rosário, 2008).

Quando os filhos revelam aos pais a sua homossexualidade estes sentem-se ansiosos e expostos, embora o distanciamento possa funcionar como uma estratégia de *cooping* temporária para lidar com a situação, pode nesta fase desencadear crises emocionais geradoras de stress e disrupção familiar (LaSala, 2010).

Contudo, apesar do choque e da surpresa, nem sempre a revelação tem como consequência a discriminação (Savin-Williams & Dubé, 1998). Diversos estudos demonstram que, apesar de o início do processo de aceitação por parte da família poder ser complicado, na maior parte dos casos, as famílias tendem a integrar a situação com o passar do tempo (Carneiro, 2009; Cianciotto & Cahill, 2003, Frankowski, 2002, Pachankis & Goldfried, 2004, cit. in., Frazão & Rosário, 2008; Savin-Williams, 2001; Saltzburg, 2004). Os pais são, das figuras significativas, aquelas cujo impacto na consolidação da identidade dos seus filhos é maior (Carneiro, 2009). Assim, a aceitação parental e a existência de relações satisfatórias predizem o desenvolvimento de uma identidade sexual positiva com efeitos na autoestima e bem-estar (Snapp, Watson, Russell, Diaz, & Ryan, 2015). Podemos concluir que, na fase da revelação, as relações familiares são um fator de extrema importância no fornecimento de apoio emocional e instrumental, que por sua vez promovem a saúde mental. A ausência de relações positivas pode gerar stress e evidenciar vulnerabilidade nos indivíduos LGBT (Elizur & Ziv, 2001). Embora o apoio possa também procurado fora da família, em caso de distanciamento dos pais, nomeadamente nos amigos e grupo de pares (Elizur & Ziv, 2001), estes situam-se contudo em segunda linha comparativamente à família (Armesto & Weisman, 2001; Snapp et al., 2015). LaSala (2010) realça que, no processo de *coming out*, a importância da perceção de apoio na medida em

que os adolescentes parecem ser mais vulneráveis em tempos e situações difíceis e que esta percepção apresenta uma relação direta com a saúde mental dos jovens LGB.

O gênero e a orientação sexual influenciam também a percepção e as características do apoio social (Spitze & Logan, 1989; Stroh, Cochran, & Mays, 2007). Estudos concluíram que as mulheres parecem ter uma maior percepção de apoio por parte das suas famílias do que os homens (Brennan-Ing, Seidel, Larson, & Karpiak, 2014). As mulheres privilegiam as expressões mais íntimas e emocionais nas relações de amizade comparativamente com os homens que encaram os amigos maioritariamente como companheiros de atividades. Quando comparados com a população heterossexual, os indivíduos LGBT reportam uma menor percepção de apoio familiar, mas um maior apoio proveniente dos amigos (Swickert & Owens, 2010), sendo a percepção e a concessão de apoio maior nas raparigas (Zhang, Yan, Zhao, & Yuan, 2015). Contudo, as variações dentro de cada grupo são amplas, visto que, em circunstâncias semelhantes, certos jovens possam ser mais sensíveis à rejeição parental antecipada do que outros. Esta sensibilidade poderá ser associada às características da personalidade, que podem atuar como fatores de risco ou de proteção na consolidação da identidade não heterossexual.

Capítulo III. Personalidade e Neuroticismo

1. Personalidade – concepções e significados

O conceito de personalidade tem sido alvo de inúmeras definições e não há portanto consenso relativamente à sua descrição, sendo um dos conceitos menos bem definidos no âmbito da Psicologia (Hansenne, 2003). Contudo, a utilização diária deste conceito remete-nos para a descrição de características específicas de determinada pessoa (Hansenne, 2003).

As várias definições de personalidade variam no seu enfoque consoante os autores. Segundo Allport (1973), a personalidade consiste numa organização dinâmica de sistemas psicofísicos do indivíduo que determinam o seu comportamento e os seus pensamentos. É uma entidade única que traduz a forma como a pessoa pensa, reflete, age e se comporta nas diferentes situações em que participa. Apesar de assumir a existência de bases biológicas da personalidade, Allport concetualiza-a como uma organização dinâmica e não estática, ou seja, como sendo formada por diferentes dimensões em constante interação, quer entre si, quer com o exterior (Hansenne, 2003). Para Eysenck (1953), pelo contrário, a personalidade consiste na organização mais ou menos estável do carácter, do temperamento, da inteligência e da dimensão física do sujeito, dando ênfase às suas bases biológicas (Hansenne, 2003).

Apesar desta diversidade de definições e de enfoques, existem alguns pontos comuns na definição deste constructo:

- 1) é uma estrutura ativa, um processo dinâmico no interior do indivíduo;
- 2) é um conceito psicológico cujas bases são fisiológicas;
- 3) é uma força interna que determina a maneira como o sujeito se comporta;
- 4) só pode ser inferida a partir de padrões de resposta recorrentes e consistentes;
- 5) não se reflete apenas numa direção única.

2. Traços e dimensões de personalidade

O conceito de traço de personalidade é muitas vezes confundido com o de dimensão de personalidade, no entanto são conceitos distintos. Um traço de personalidade representa uma característica durável, isto é, a disposição do indivíduo para se comportar de uma dada maneira em diversas situações (e.g., impulsividade, generosidade, timidez, empatia). As dimensões de personalidade correspondem a um qualificativo mais global e generalizado

que engloba diferentes traços mais específicos (e.g., extroversão que corresponde a uma forma de personalidade que reúne diferentes traços como a sociabilidade, a assertividade e a dominância) (John, Robins, & Pervins, 2008; Hansenne, 2003).

À semelhança da falta de concordância absoluta no que concerne à definição da personalidade, não há consenso absoluto no que respeita o número de dimensões que caracterizam a personalidade. Contudo, o modelo dos cinco fatores é o que tem recebido mais suporte empírico. Este modelo considera que a personalidade engloba cinco grandes dimensões (Hansenne, 2003). A primeira dimensão é usualmente designada por Extroversão, que remete para indivíduos sociáveis, empáticos, precisos e persistentes. A segunda é a Agradabilidade que traduz o facto de estar ao serviço e ao dispor dos outros (e.g., submissão e atenciosidade). A terceira dimensão é a Conscienciosidade que se traduz na honestidade, persistência e a capacidade de planificar os comportamentos. A quarta é o Neuroticismo, que se relaciona com a gestão das emoções, que se traduz na vulnerabilidade e ansiedade e a quinta é a Abertura à experiência, traduzida pelo gosto da novidade e da mudança (Hansenne, 2003).

A dimensão do neuroticismo parece particularmente importante para o estudo da perceção de apoio social por parte dos indivíduos não heterossexuais, na medida em que a gestão das emoções poderá estar em jogo durante o processo de revelação de uma orientação não heterossexual. Ao associar-se a fatores de stress, ansiedade e angústia, pode predizer uma menor capacidade em lidar com a eventual rejeição de uma orientação sexual não normativa, nomeadamente no que diz respeito à maneira como o apoio familiar, de amigos e de outras figuras significativas é percecionado.

3. Neuroticismo

O neuroticismo, tem sido estudado e descrito na literatura psicológica, não só ao nível clínico como também educacional e social (Oliveira, 2002). É um traço cognitivo-afetivo definido a partir do nível habitual de ajustamento emocional e estabilidade. Altos níveis de neuroticismo são características de indivíduos mais instáveis e propensos a sofrimentos psicológicos que, consequentemente, podem apresentar níveis mais elevados de ansiedade, depressão, hostilidade, vulnerabilidade, autocrítica e impulsividade (Costa & McCrae, 2008, cit. in., John et al., 2008; Oliveira, 1999). Esta dimensão inclui ainda a referência a ideias não realistas, baixa tolerância à frustração e estratégias de *cooping* não adaptativas. No entanto, baixos níveis de neuroticismo não são sinónimo de saúde mental, pois indivíduos

socialmente desajustados podem apresentar baixos níveis de ansiedade e vulnerabilidade (Nunes, 2000).

A dimensão do neuroticismo é constituída por diferentes traços de personalidade (Nunes, 2000):

- Vulnerabilidade: relativa a medos de críticas, insegurança, baixa autoestima, dificuldades na tomada de decisões, medo de abandono por parte das pessoas próximas, etc.;
- Desajustamento psicossocial: comportamentos sexuais de risco ou atípicos, adição ou consumo exagerado de álcool, necessidade em chamar à atenção, etc.;
- Ansiedade: sintomas somáticos de transtornos relacionados com a ansiedade, irritabilidade, transtornos de sono, impulsividade, mudança de humor, etc.;
- Depressão: suicídio e desesperança.

Apesar de existirem estas quatro dimensões, ao longo deste trabalho será apenas abordada a dimensão da vulnerabilidade, na medida em que, dentro do leque disponível, é a que mais pode tornar a experiência da construção da identidade LGB e o processo de revelação difícil. Além disso, no neuroticismo, é a vulnerabilidade que está mais fortemente e negativamente associada à autoestima, indicador de bem-estar do sujeito, pois indivíduos que apresentem uma maior vulnerabilidade vivem com mais intensidade os sofrimentos e percebem mais do que os outros a rejeição e menos o apoio (Nunes, 2000). Assim, pessoas LGB que apresentem uma alta vulnerabilidade tendem a ter uma baixa autoestima, relatando um enorme medo de que os abandonem ou não os aceitem devido à sua orientação sexual não normativa, encarando-a como sendo “errada” (Hutz & Nunes, 2000, cit. in., Nunes, 2000; Oliveira, 2002).

De acordo com estudos na área da personalidade, o neuroticismo correlaciona-se negativamente com o afeto positivo e positivamente com alterações de humor e emoções negativas. Em suma, o neuroticismo é um dos fatores que mais influencia o bem-estar e é o preditor principal de satisfação com a vida, ou seja, quanto maiores os níveis de neuroticismo, menor a percepção de bem-estar e satisfação com a vida (Woyciekoski, Natividade, & Hutz, 2014) com consequências negativas para a saúde mental quando têm uma orientação não heterossexual (Strohm, et al., 2007). Presume-se assim que indivíduos que pontuem mais alto nesta dimensão manifestarão um maior medo da rejeição e da discriminação, perceberão menos suporte familiar e social face às suas escolhas e preferências, assim como uma maior tendência em integrar comentários e/ou informações

negativas nomeadamente a respeito da sua orientação LGB. Um estudo realizado por Poeschl et al., (2012), com população LGB, indica que quando estes não assumem e, por sua vez, não revelam a sua orientação sexual, apresentam uma maior probabilidade em experimentarem sentimentos negativos, comparativamente com LGB que revelam aos outros a sua orientação. Assim, as pessoas LGB, ao confrontarem-se sucessivamente com os valores ou estereótipos tradicionais de género normativos, com os quais os pais provavelmente se identifiquem, podem não revelar tão facilmente a orientação sexual devido ao facto de esta situação suscitar dúvida ou antecipar práticas discriminatórias. Ao terem noção do carácter não normativo da homossexualidade, os sujeitos estão mais propensos a experimentar sentimentos de ansiedade, incerteza e retração emocional espelhando a sua vulnerabilidade. Face ao contributo derivado de estudos na área, nomeadamente Crochan e Mays (2000) e Meyer (1995) que referem que indivíduos pertencentes a um grupo social minoritário devido à sua orientação sexual são mais discriminados quando comparados com indivíduos heterossexuais, pensa-se que indivíduos não heterossexuais que manifestam níveis mais elevados de neuroticismo poderiam percecionar menor solidariedade intergeracional (cit. in., Strohm, et al., 2007).

Assim, tanto o neuroticismo como a dificuldade em revelar aos outros a sua orientação, encontram-se muitas vezes relacionada na literatura com pessimismo, depressão e reações emocionais negativas face a problemas do quotidiano e menor perceção de apoio social (Maltby, Lewis, & Hill, 1998, Suls, Green, & Hills, 1998, cit. in., Oliveira, 2002). Esta dimensão da personalidade também se encontra em diversos estudos correlacionada com o sexo (Oliveira, 2002). Na presente investigação interessa observar em que medida estas duas variáveis podem alterar a perceção de solidariedade/apoio familiar em sujeitos não heterossexuais masculinos e femininos.

Estudos realizados enfatizam a diferença dos níveis de neuroticismo em função do género, referindo que as mulheres tendem a apresentar valores mais altos de neuroticismo quando comparadas com os homens, resultados estes que se também se manifestam na população portuguesa (Heaven & Shochet, 1995; Lynn & Martin, 1997; Oliveira, 2002). Relativamente à sua relação com o género, estudos desenvolvidos na área da personalidade revelam que mulheres com níveis mais baixos de neuroticismo reportam níveis mais altos de suporte social, e vice-versa. Em suma, quando os níveis de neuroticismo parecem aumentar, que podem alterar o facto de ter ou não revelado a sua orientação sexual a outros, diminuem os níveis relativos ao apoio percebido.

PARTE II. ESTUDO EMPÍRICO

Capítulo IV. Metodologia

1. Caracterização geral do estudo

O objetivo geral deste estudo consiste em observar as diferenças de percepção de solidariedade/apoio das figuras parentais, em função da orientação sexual dos filhos e o efeito moderador do género e do nível de neuroticismo nestas diferenças. Apesar das diversas alterações que a família tem vindo a sofrer, quer ao nível da sua estrutura, quer ao nível da sua função, ela continua ainda a ser um pilar fundamental na construção da identidade do jovem (Fontaine & Matias, 2003) e a principal fonte de apoio dos adolescentes e jovens adultos. Além disso e tendo em conta as temáticas centrais do estudo apresentadas e analisadas anteriormente, pressupõe-se que os indivíduos LGB que assumiram a sua orientação sexual comparativamente com os que não assumiram tenham maior percepção de solidariedade intergeracional face aos obstáculos e dificuldades de adaptação que a revelação exige.

Assim, nesta secção pretende-se expor a metodologia do estudo empírico realizado, começando por uma descrição mais detalhada dos objetivos/questões de investigação aos quais se pretende dar resposta, as respetivas hipóteses a testar, fundamentadas previamente, bem como as características da amostra, os instrumentos e o procedimento utilizado na recolha e no tratamento dos dados.

2. Questões de investigação

Deste modo, a primeira questão de investigação é: 1) Em que medida a percepção de solidariedade intergeracional difere em função da orientação sexual dos jovens e do género dos progenitores? Estudos anteriores indicaram que as mulheres percebem mais solidariedade do que os homens, ao mesmo tempo que pessoas com orientação heterossexual percebem mais solidariedade do que aquelas com orientação não heterossexual. Neste último caso, no processo de revelação da sua orientação sexual a outros, a figura materna parece ser mais apoiante do que a figura paterna.

Sendo o neuroticismo um traço de personalidade, não é sensível a variações de contexto e não se prevêem diferenças em função da orientação sexual. Contudo, considerando que a população com orientação sexual não normativa é mais sujeita a discriminação social, este contexto poderá exacerbar o impacto das fragilidades individuais em termos de personalidade face à capacidade de ultrapassar obstáculos. Com efeito, a literatura parece

indicar que a dificuldade em gerir as emoções face a situações stressantes, mais frequentes nas mulheres, acentua a sensibilidade à discriminação, podendo reduzir a perceção de apoio e solidariedade. O segundo objetivo desta investigação será: 2) Em que medida os níveis de neuroticismo variam em função do género e afetam mais a perceção de solidariedade intergeracional na população não heterossexual?

Finalmente, já que a revelação pressupõe uma antecipação de apoio, interessa confirmar esta associação na população não heterossexual, surgindo assim a última questão de investigação: 3) Em que medida o processo de revelação da orientação sexual interage com o neuroticismo para explicar as diferenças de perceção de solidariedade em sujeitos com orientação não heterossexual.

3. Hipóteses

1. Diferenças relativamente à solidariedade intergeracional em função da orientação sexual.

H1a: Indivíduos não heterossexuais percebem uma menor solidariedade intergeracional proveniente das suas figuras parentais comparativamente com indivíduos heterossexuais;

H1b: Indivíduos não heterossexuais do sexo feminino percebem uma maior solidariedade familiar comparativamente com indivíduos do sexo masculino;

H1c: Indivíduos não heterossexuais percebem uma maior solidariedade da figura materna comparativamente com aquela que advém da figura paterna.

2. Diferenças relativamente ao neuroticismo face à orientação sexual dos indivíduos.

H2a: Não há diferenças de níveis de neuroticismo em função da orientação sexual, embora os níveis de neuroticismo sejam superiores em indivíduos do sexo feminino comparativamente com indivíduos do sexo masculino.

3. Diferenças entre solidariedade intergeracional em função do neuroticismo na população não heterossexual.

H3a: Em indivíduos não heterossexuais, os indivíduos com níveis mais elevados de neuroticismo percebem níveis mais baixos de solidariedade familiar do que

indivíduos com níveis mais baixos, e estas diferenças são mais acentuadas em fases de revelação.

Não havendo resultados de investigação que permitam apoiar esta última hipótese, esta terá um carácter meramente exploratório.

4. Método

4.1. Caracterização da amostra

A amostra é constituída por sujeitos portugueses heterossexuais e não heterossexuais, com idade igual ou superior a 18 anos, que perfazem um total de 530 indivíduos dos quais 50,6% são do sexo feminino e 54,9% do sexo masculino. Trata-se de uma amostra não probabilística, recolhida via *online* e, simultaneamente, adquirindo o formato de amostragem de bola de neve na medida em que o investigador estabelece contacto com um grupo que se pretende estudar com o intuito de conseguir identificar outros membros desse mesmo grupo ou de outros com características semelhantes, chegando assim a um maior número de pessoas. Este processo manifestou-se bastante pertinente no caso da população não heterossexual pois apesar da sua predominância, as atitudes discriminatórias ainda se mantêm, fazendo com que estes indivíduos não se expressem livremente.

4.2. Instrumentos

Seguidamente serão apresentados os instrumentos necessários ao estudo das hipóteses mencionadas anteriormente e que suportam o enquadramento teórico realizado para contextualização e análise das temáticas. Estes serão caracterizados tendo em conta o seu objetivo, os seus constructos base e respetivas dimensões, o seu formato (onde constam o número de itens e a escala de respostas), assim como as suas qualidades psicométricas.

Esta investigação teve por base a utilização de quatro instrumentos: um questionário sociodemográfico, algumas escalas do Índice de Solidariedade Familiar Intergeracional de Bengtson e Roberts (1991), traduzido e adaptado numa amostra da população portuguesa por Monteiro (2010), o Inventário de Abertura de Mohr (2005) e uma subescala do *NEO PI-R* de Costa e McCrae (1992), adaptado para a população portuguesa por Lima e Simões (1997).

4.2.1. Formulário de consentimento informado

O consentimento informado foi apresentado no início do questionário disponibilizado *online* com o propósito de explicitar o objetivo geral do estudo e a contextualização do mesmo. Assegurar a confidencialidade das respostas do ponto de vista ético, aquando do envolvimento de seres humanos em pesquisas, e científico, fazendo referência à utilização das respostas para fins académicos salvaguardando a possibilidade de desistência da pessoa em qualquer momento da sua participação foram também aspetos apresentados no formulário. O participante assegurava ter tomado conhecimento destes aspetos.

4.2.2. Questionário sociodemográfico

Constituiu a primeira fase do protocolo, incluindo questões como data de nascimento, área de residência, identidade racial/étnica, género, orientação/identidade sexual, nível académico, importância atribuída à religião, estatuto relacional/conjugal atual e o número de filhos ou exercício de um papel parental. Este levantamento permite uma caracterização da população participante, necessário para a análise dos resultados provenientes da investigação.

4.2.3. Índice de Solidariedade Familiar Intergeracional

O apoio recebido, percebido e antecipado pelos indivíduos LGB e heterossexuais face às suas famílias foi avaliado por algumas escalas do Índice de Solidariedade Intergeracional (*Index of Intergenerational Solidarity*) de Bengtson e Roberts (1991), traduzido e adaptado numa amostra da população portuguesa por Monteiro (2010). Este índice avalia a solidariedade intergeracional, definida como uma rede complexa de apoio estabelecida entre os membros de diferentes gerações dentro do mesmo núcleo familiar (Bengtson & Roberts, 1991, cit. in., Monteiro, 2010). A escolha deste instrumento manifesta-se bastante pertinente visto que se trata de um instrumento válido para efeitos de avaliação do apoio nas relações entre os membros da família (Bengtson & Silverstein, 1997). Segundo Monteiro (2010), este permite caracterizar as relações de diferentes gerações dentro da mesma família, dando uma visão do funcionamento da família alargada. A autora salienta também se trata de um instrumento que pode ser

aplicado em diversos contextos e públicos-alvo. Esta variável representa assim a variável dependente central deste estudo, cujas variações em função da orientação sexual dos indivíduos, do género e da revelação da sua identidade serão estudadas.

Deste modo, o instrumento é constituído por 34 itens agrupados em sete dimensões e procura caracterizar as dimensões comportamentais e emocionais desta interação em termos de coesão, de sentimentos e apoio entre pais e filhos (Bengtson, 2001). Das sete dimensões originais (Funcional dada e recebida, Normativa, Conflitual, Afetiva, Associativa, Estrutural, Consensual), foram selecionadas para este estudo quatro, a saber: (1) Solidariedade Funcional: assistência, apoio dado e recebido entre gerações, onde se incluem aspetos como apoio nas tarefas domésticas, transportes de pessoas ou compras, cuidados de saúde e higiene, ajuda em alimentação, informações, conselhos, etc. Compõem esta escala nove itens, respondidos numa escala tipo *Likert* de 0 (nunca) a 7 (todos os dias), sendo feita uma distinção entre o apoio dado (ESI 1) e o apoio recebido (ESI 2); (2) Solidariedade Normativa (ESI 3): expectativas relativamente às obrigações filiais e parentais e a importância de valores familiares. A escala é constituída por três itens, respondidos numa escala de 1 (discordo totalmente) a 6 (concordo totalmente); (3) Solidariedade Conflitual (ESI 4): grau de crítica, tensão ou desacordo entre pais e filhos. Constituída por quatro itens respondidos numa escala tipo *Likert* de 0 (nunca) a 5 (sempre); (4) Solidariedade Afetiva (ESI 5): sentimentos e perceções positivos que os familiares têm acerca do seu relacionamento com outros membros, nomeadamente a proximidade afetiva, a comunicação e compreensão entre estes. Desta dimensão faziam parte seis itens, assinalando os participantes a sua resposta numa escala tipo *Likert* de 0 (não existe) e 5 (excelente).

Após uma análise fatorial exploratória foi confirmado o carácter unidimensional de todas as escalas (ESI 1, ESI 2, ESI 3, ESI 4 e ESI 5). Foi avaliada a consistência interna das escalas nesta amostra que se revelou uma consistência satisfatória para a comparação entre grupos (ESI 1: $\alpha=.919$; ESI 2: $\alpha=.929$; ESI 3: $\alpha=.723$; ESI 4: $\alpha=.888$; ESI 5: $\alpha=.936$).

4.2.4. Inventário de Abertura

O Inventário de Abertura de Mohr é uma escala com 11 itens que visam avaliar a abertura relativamente à orientação sexual LGB face a diferentes pessoas. As respostas aos itens refletem o grau em que a orientação sexual do indivíduo é conhecida e discutida

abertamente. Uma análise fatorial do instrumento original revelou uma estrutura em três fatores com bons níveis de consistência interna ($\alpha = 0.74$ a 0.97), explicando mais de 60% da variância (Mohr & Fassinger, 2000). Os itens 1, 2, 3 e 4 destinam-se a avaliar a revelação a elementos da família (e.g., mãe, pai, irmãos), os itens 5, 6, 7, 10 e 11 referem-se à revelação ao mundo (e.g., colegas de trabalho, amigos, antigos amigos heterossexuais) e, por fim, os itens 8 e 9 relatam a abertura à comunidade religiosa. A escala original encontra-se codificada de 1 (esta pessoa definitivamente não sabe da minha orientação sexual) a 7 (esta pessoa sabe com toda a certeza da minha orientação sexual e falamos abertamente disso) (Mohr & Fassinger, 2000).

Neste estudo, a estrutura do instrumento manteve-se relativamente aos 11 itens, sendo que apresenta também uma boa consistência interna global ($\alpha=.876$), observando-se deste modo as boas qualidades psicométricas do instrumento. Esta análise segue a análise encontrada pela escala original, sendo que a revelação à família comporta 4 itens (1, 2, 3 e 4) com um $\alpha=.90$ e a revelação ao mundo 5 itens (5, 6, 7, 10, 11) com um $\alpha=.85$. Por último, relativamente aos itens à comunidade religiosa, as estatística de confiabilidade revelam a existência de 3 itens (8 e 9) e um $\alpha=.87$. Este estudo limitar-se-á à revelação por parte da família, por ser considerada mais relevante no quadro da solidariedade intergeracional.

4.2.5. NEO PI-R

O neuroticismo foi avaliado pelo instrumento *NEO PI-R* de Costa e McCrae (1992). O *NEO PI-R*, inventário de personalidade, é composto por cinco domínios gerais e trinta facetas específicas. Um destes cinco domínios é o neuroticismo cuja escala avalia a adaptação vs a instabilidade emocional, permitindo identificar indivíduos preocupados, nervosos, emocionalmente inseguros, com sentimentos de incompetência e/ou com respostas de *cooping* inadequadas.

O *NEO PI*, destinado a indivíduos com idades superiores a 17 anos começou a ser construído em 1978. No entanto, um exame exaustivo da literatura conduziu à sua revisão. Esta revisão trouxe uma diminuição do número de itens com vista a melhorar a sua consistência interna e a validade de diversas escalas, dando origem ao *NEO PI-R* (Lima & Simões, 1997).

Na aferição do *NEO PI-R* para a população portuguesa, podemos afirmar que esta mede as mesmas dimensões da personalidade que a versão original americana, apresentando assim boas qualidades psicométricas (Lima & Simões, 1997).

As escalas do instrumento medem traços cujas pontuações se aproximam do modelo de distribuição normal. Os seus autores consideraram importante a apresentação dos resultados segundo cinco níveis (1-5): muito baixo, baixo, médio, alto e muito alto. Não existem ainda limiares discriminativos – *cutoff points* – que separem as pontuações tidas como normais daquelas que podem indicar alguma patologia, sendo que as pontuações obtidas pelos diferentes sujeitos nas diferentes escalas são alvo de comparação. Aquando da aferição da validade das respostas, foram tidas em conta as eventuais omissões e a tendência a responder de forma negativa ou aleatória havendo itens destinados a verificar essa mesma validade – *validity checks* (itens A, B e C da folha de resposta). O instrumento não deve ser cotado na ausência de 41 ou mais respostas (Costa & McCrae, 1992; Lima & Simões, 1997).

Um dos cinco fatores, o neuroticismo – traço cognitivo-afetivo que remete para o nível de ajustamento emocional e estabilidade – encontra-se dividido em seis facetas. Salienta-se como particularmente pertinente para este estudo a faceta da vulnerabilidade. Sujeitos com elevada pontuação nesta faceta são indivíduos que se enervam facilmente, com dificuldades em lidar com a tensão, tornando-se, por vezes, muito dependentes dos outros, com elevados níveis de ansiedade e vulnerabilidade que se traduzem em estratégias de *cooping* pouco adaptativas; ao passo que os sujeitos com pontuações baixas conseguem lidar com algumas situações difíceis, demonstrando competência e resiliência para lidar com os acontecimentos (Costa & McCrae, 1992). Foi realizada uma análise fatorial que revela uma estrutura unifatorial que explica 48,30% da variância dos itens, assim como a consistência interna da escala se revela satisfatória neste estudo ($\alpha = .837$).

5. Procedimento e análise de dados

Tendo em conta as particularidades associadas à população LGB, e devidamente alicerçadas no enquadramento teórico deste estudo, foi considerado o levantamento da amostra através do ciberespaço. Barak e Sadvsky (2008) (cit. in., Santos, 2009), abordaram as vantagens da utilização deste tipo de plataformas: o anonimato, a invisibilidade, a possibilidade de comunicar sem ser visto, a disponibilidade e o fácil acesso. Por sua vez, Joinson e Paine (2007) (cit. in., Santos, 2009), referem a tendência para o *self-disclosure*,

ou seja, o efeito de desinibição que se verifica quando se responde a um inquérito *on-line*. Este aspeto manifesta-se particularmente importante aquando da inclusão de minorias sociais num estudo, potenciando respostas abertas, sinceras e sem medo de aprovação ou rejeição (cit. in., Santos, 2009). Para além do fator de recrutamento dos participantes, a disponibilização de um questionário *online* foi motivada por se tratar de um estudo de grupo, que abarcava 4 investigações diferentes, mas complementares numa população com características semelhantes. Assim, com recurso à plataforma *LimeSurvey*, foram disponibilizados dois *links*, um destinado à população com filhos e outro à população sem filhos, que permitiam ligação direta ao seu preenchimento.

O questionário continha 21 secções, começando por apresentar o objetivo do estudo, requisitos e duração do seu preenchimento, potenciais riscos e benefícios, anonimato de resposta, direito de desistir, aprovação ética e o contacto do investigador principal para esclarecimento de eventuais dúvidas. Na segunda secção assegurava-se o fator da idade, ou seja, apenas poderiam continuar o preenchimento indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos. Esta informação salvaguardava também a inexistência de dúvidas relativamente às condições do estudo e à privacidade que era assegurada. Seguiam-se o questionário sociodemográfico (cujas questões foram apresentadas anteriormente). Relativamente aos instrumentos utilizados na análise das variáveis deste estudo, o instrumento relativo ao *NEO PI-R*, encontrava-se na 9ª secção, nas secções 16 a 20 a escala de Solidariedade Intergeracional e o Inventário de Abertura na 24ª secção. Todas as questões respeitaram o formato original das escalas, assim como os itens correspondentes. Para o presente estudo a amostra utilizada dizia respeito aos participantes que haviam respondido ao questionário para pessoas sem filhos.

Com vista à divulgação e alargamento do conhecimento acerca do estudo, foram realizados contactos pessoais e via internet com instituições que trabalham diariamente com população LGB e grupos formados por estes indivíduos. Foi também dada primazia ao correio eletrónico e à rede social *facebook* como vias de divulgação. Feitos os contactos necessários, o questionário foi disponibilizado no dia 5 de Março de 2015 e retirado a 7 de Abril de 2015. Através do *link* destinado aos participantes sem filhos foi conseguido um total de 1168 inquéritos, dos quais apenas 748 foram respondidos na totalidade e 950 parcialmente.

Após eliminação de *outliers* e dos casos dados como omissos, foram verificados os pressupostos de normalidade relativos à distribuição da amostra. Os dados foram codificados

e inseridos no *Software SPSS (Statistical Package for Social Sciences) Statistics*, versão 22. As análises estatísticas basearam-se em análises do *alpha de Cronbach*, ANOVAs uni e multifatoriais, MANOVA e testes *t de student* para amostras emparelhadas. O nível de significância utilizado para tais análises foi $p < .050$.

A amostra utilizada para este estudo corresponde a uma seleção aleatória dos sujeitos visando equilibrar a orientação sexual e o gênero.

Capítulo V. Apresentação e discussão dos resultados

1. Análise descritiva dos resultados

1.1. Dados sociodemográficos

A amostra do presente estudo é constituída por 530 sujeitos com idades iguais ou superiores a 18 anos com média de idades situada nos 31 anos ($DP = 9.43$), relativamente equilibrada quanto ao sexo e quanto à orientação sexual (ver Tabela 1).

Tabela 1. Caracterização da amostra relativamente ao género, nível de escolaridade, local de residência e orientação sexual

		<i>N</i>	%
Género	Mulher	268	50,6
	Homem	262	49,4
Nível de Escolaridade	Ensino Básico (6º/9º ano)	11	2,1
	Ensino Secundário (12º ano)	142	26,8
	Ensino Superior	376	70,9
Local de Residência	Numa grande cidade	319	60,2
	Numa pequena cidade	147	27,7
	Numa vila/aldeia	56	10,6
	Numa área rural	7	1,3
Orientação Sexual	Heterossexual	291	54,9
	Não heterossexual	239	45,1

1.2. Índice de Solidariedade Intergeracional (Bengtson & Roberts, 1991)

Tendo em conta a escala tipo *Likert* utilizada para cada uma das subescalas referentes à Solidariedade Intergeracional, os resultados apresentados pelos participantes refletem valores médios. Os valores parecem mais elevados na Solidariedade normativa (ESI 3) e na Solidariedade afetiva (ESI 5) e os mais baixos na Solidariedade conflitual

(ESI 4). Assim, concluímos que a média das respostas referentes a diversas formas de solidariedade podem variar (ver Tabela 2).

Tabela 2. Médias das dimensões da variável solidariedade intergeracional

	<i>M</i>	<i>DP</i>
Solidariedade Funcional - recebida ESI 1	4.29	1.30
Solidariedade Funcional – dada ESI 2	4.00	1.37
Solidariedade Normativa ESI 3	4.55	0.98
Solidariedade Conflitual ESI 4	3.73	1.39
Solidariedade Afetiva ESI 5	4.56	1.21

1.3. Inventário de Abertura (*Outness Inventory*, Mohr, 2005)

Na secção do questionário destinado a estudar a revelação da orientação sexual aos familiares, a amostra limita-se a 106 sujeitos. Tendo em consideração a escala tipo *Likert* utilizada (1 a 8), os valores são de nível moderado ($M = 2.13$; $DP = 0.84$).

1.4. NEO PI-R (Costa & McCrae, 1992)

De acordo a escala de vulnerabilidade, indicadora da dimensão do neuroticismo, numa escala de resposta de 1 a 8, foram obtidos valores médios no que concerne ao nível de neuroticismo dos participantes ($n = 490$; $M = 4.19$; $DP = 0.78$).

2. Análises inferenciais

Adaptando o critério de Múthen e Kaplan (1985), segundo o qual uma distribuição é considerada normal se os valores não forem superiores a 2.00, foram averiguados os critérios de normalidade na presente amostra, demonstrada pelos valores referentes à assimetria e ao achatamento relativos a cada escala. Assim, os valores máximos de

assimetria e achatamento das subescalas da Solidariedade Intergeracional não ultrapassam os valores considerados normais ($Sk = 0.417$; $Ku = 0.077$), o mesmo se verifica em relação ao Neuroticismo ($Sk = -0.425$; $Ku = 0.340$) e à Revelação à família ($Sk = -0.256$; $Ku = -1.542$). Posto isto recorreu-se a testes paramétricos para investigar as diferenças entre grupos. A análise dos resultados será organizada em função das respetivas hipóteses.

a. Diferenças relativamente à solidariedade intergeracional em função da orientação sexual.

→ **H1a:** Indivíduos não heterossexuais percebem uma menor solidariedade intergeracional proveniente das suas figuras parentais comparativamente com indivíduos heterossexuais.

Um dos pressupostos da análise de variância consiste na verificação da homogeneidade das variâncias através da realização do teste de *Levene*. Os resultados deste demonstraram efetivamente a homogeneidade das variáveis, quer para a escala de Solidariedade Intergeracional, quer para as subescalas que a compõem (ESI Total: $p = .480$; ESI 1: $p = .150$; ESI 2: $p = .554$; ESI 3: $p = .054$; ESI 4: $p = .910$; ESI 5: $p = .026$), pelo que se prosseguiu com as análises de variâncias apresentadas a seguir. Apesar de o valor referente ao ESI 5 ser estatisticamente significativo, não é necessária uma correção pois a ANOVA constitui um teste robusto à violação deste pressuposto.

Tabela 3. Análise da variância da solidariedade intergeracional em função da orientação sexual

		Não Heterossexuais	Heterossexuais	df	F	p	η
Solidariedade	<u>M</u>	4.20	4.37	1,339	1.497	.222(ns)	.004
Funcional –	<u>(DP)</u>	(1.37)	(1.25)				
recebida							
ESI 1							
Solidariedade	<u>M</u>	3.96	4.04	1,343	0.341	.560(ns)	.001
Funcional – dada	<u>(DP)</u>	(1.41)	(1.34)				
ESI 2							

Solidariedade							
Normativa	<u>M</u>	4.38	4.70	1,366	9.490	.002	.025
ESI 3	<u>(DP)</u>	(1.03)	(0.92)				
Solidariedade							
Conflitual	<u>M</u>	3.96	3.55	1,353	7.895	.005	.022
ESI 4	<u>(DP)</u>	(1.41)	(1.36)				
Solidariedade							
Afetiva	<u>M</u>	4.38	4.70	1,347	6.189	.013	.018
ESI 5	<u>(DP)</u>	(1.34)	(1.10)				
	<u>M</u>	4.12	4.26	1,299	1.75	.187(ns)	.006
ESI Total	<u>(DP)</u>	(0.89)	(0.74)				

Como se pode constatar na Tabela 3 não existem diferenças na percepção de solidariedade familiar total (ESI Total) em função da orientação sexual dos participantes.

Uma análise mais detalhada dos resultados demonstrou que a hipótese H1a foi parcialmente validada, pois não existem diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à Solidariedade funcional recebida e dada (ESI 1 e 2), mas estas existem para a Solidariedade normativa (ESI 3), Solidariedade conflitual (ESI 4) e Solidariedade afetiva (ESI 5). Uma análise mais detalhada permite concluir que os indivíduos não heterossexuais manifestam menos percepção de solidariedade normativa (ESI 3) e afetiva (ESI 5) do que os indivíduos heterossexuais. Relativamente à Solidariedade conflitual (ESI 4), os indivíduos não heterossexuais percecionam maiores níveis de conflito quando comparados com indivíduos heterossexuais, o que traduz uma menor percepção de solidariedade familiar (ver Tabela 3).

➔ **H1b:** Indivíduos não heterossexuais do sexo feminino percecionam uma maior solidariedade familiar comparativamente com indivíduos do sexo masculino.

Para testar esta hipótese foram comparados quatro grupos diferenciados em função da orientação sexual e do género recorrendo a uma ANOVA complementada com um teste *post hoc* sempre que necessário. Os resultados encontram-se apresentados na Tabela 4.

Tabela 4. Análise da variância da solidariedade intergeracional em função da orientação sexual e do gênero

		Mulheres Heterossexuais	Mulheres não Heterossexuais	Homens Heterossexuais	Homens não Heterossexuais	<i>df</i>	<i>F</i>	<i>p</i>	<i>η</i>
Solidariedade									
Funcional –	<u><i>n</i></u>	98	70	94	70				
recebida	<u><i>M</i></u>	4.43 ^a	3.90 ^b	4.31 ^a	4.46 ^a	3,337	3.014	.030	.026
ESI 1	<u><i>DP</i></u>	(1.24)	(1.26)	(1.26)	(1.41)				
Solidariedade									
Funcional –	<u><i>n</i></u>	99	74	96	76				
dada	<u><i>M</i></u>	4.17 ^a	3.77 ^a	3.91 ^a	4.15 ^a	3,341	1.655	.176(ns)	.014
ESI 2	<u><i>DP</i></u>	(1.38)	(1.30)	(1.30)	(1.50)				
Solidariedade									
Normativa	<u><i>n</i></u>	103	82	100	83				
ESI 3	<u><i>M</i></u>	4.63 ^a	4.22 ^b	4.76 ^a	4.54 ^a	3,364	4.893	.002	.039
	<u><i>DP</i></u>	(0.97)	(1.04)	(0.87)	(1.00)				
Solidariedade									
Conflitual	<u><i>n</i></u>	98	79	97	81				
ESI 4	<u><i>M</i></u>	3.70 ^a	3.83 ^a	3.40 ^b	4.10 ^a	3,351	3.901	.009	.032
	<u><i>DP</i></u>	(1.44)	(1.21)	(1.28)	(1.57)				
Solidariedade									
Afetiva	<u><i>n</i></u>	99	78	96	76				
ESI 5	<u><i>M</i></u>	4.71 ^a	4.24 ^a	4.70 ^a	4.52 ^a	3,345	2.803	.040	.024
	<u><i>DP</i></u>	(1.20)	(1.20)	(0.99)	(1.46)				

Foram observadas diferenças ao nível da Solidariedade funcional recebida (ESI 1), pois as mulheres não heterossexuais apresentam uma menor Solidariedade funcional recebida quando comparadas com homens não heterossexuais. Na Solidariedade funcional dada (ESI 2), não se verificam diferenças entre os grupos. Na Solidariedade normativa (ESI 3), são verificadas diferenças estatisticamente significativas entre mulheres não heterossexuais e homens não heterossexuais, sendo que as mulheres apresentam valores inferiores, ao passo que homens heterossexuais e mulheres heterossexuais não se diferenciam significativamente, infirmando assim a hipótese pois os valores das mulheres são mais baixos do que os dos homens. Na Solidariedade conflitual (ESI 4) os resultados indicam não

haver diferenças entre mulheres não heterossexuais e homens não heterossexuais, embora sejam verificadas diferenças entre mulheres e homens heterossexuais. Nesta dimensão os valores dos primeiros (indivíduos não heterossexuais) são superiores aos dos segundos (indivíduos heterossexuais). Por último, os valores relativos à dimensão Solidariedade Afetiva (ESI 5) levam-nos à infirmação da hipótese uma vez que não foram observadas diferenças entre os grupos, apesar dos resultados da ANOVA serem significativos.

As hipóteses foram infirmadas, ou porque as mulheres não heterossexuais perceberam níveis de Solidariedade funcional recebida (ESI 1) e normativa (ESI 3) inferiores aos homens, ou porque a superioridade feminina só se manifestou para a Solidariedade conflitual (ESI 4) nas mulheres heterossexuais, ou porque nenhuma diferença foi observada para a Solidariedade funcional dada e afetiva (ESI 2 e ESI 5) (ver Tabela 4).

→ **H1c:** Indivíduos não heterossexuais percecionam uma maior solidariedade da figura materna comparativamente com aquela que advém da figura paterna.

Visto que o objetivo consistia em comparar a perceção de solidariedade do pai e da mãe, recorreu-se a um *t de test* para amostras emparelhadas, na amostra de sujeitos não heterossexuais. Os resultados são apresentados na Tabela 5. A dimensão Solidariedade normativa (ESI 3) não consta no quadro dado que esta não manifesta divisão de itens para a mãe e para o pai, o que impossibilita a análise da hipótese nesta dimensão.

Tabela 5. Diferenças na perceção de solidariedade intergeracional em função do género dos pais para a subamostra não heterossexual (*t de test* para amostras emparelhadas)

		<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>df</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d de Cohen</i>
Solidariedade	<u><i>M</i></u>	4.30	4.09	1,148	1,35	.179(ns)	.127
Funcional –	<u><i>DP</i></u>	(1.51)	(1.79)				
recebida							
ESI 1							
Solidariedade	<u><i>M</i></u>	4.01	3.90	1,149	0.704	.482(ns)	.063
Funcional – dada	<u><i>DP</i></u>	(1.48)	(1.83)				
ESI 2							

Solidariedade	<u>M</u>	3.70	4.23	1,159	-3.65	<.001	-0.317
Conflitual	<u>DP</u>	(1.59)	(1.75)				
ESI 4							
Solidariedade	<u>M</u>	4.50	4.26	1,153	1.68	.096(ns)	.149
Afetiva	<u>DP</u>	(1.46)	(1.74)				
ESI 5							
ESI Total	<u>M</u>	4.05	4.06	1,127	-.024	.981(ns)	-.008
	<u>DP</u>	(1.12)	(1.37)				

Os resultados apresentados na Tabela 5, permitem concluir que a hipótese H1b é apenas validada para a Solidariedade conflitual (ESI 4) na medida em que a relação com pai é considerada como mais conflituosa do que com a mãe. Assim, conclui-se que, em indivíduos não heterossexuais, existe uma maior tensão e conflito proveniente da figura paterna comparativamente com a figura materna.

Numa tentativa de ir mais longe e averiguar a existência de diferenças na dimensão de Solidariedade conflitual (ESI 4) no que concerne ao efeito de interação entre a orientação sexual e o género dos participantes, recorreu-se ao teste de *t de student* para amostras emparelhadas, constatando-se que os homens não heterossexuais são os únicos em que não há diferenças na perceção de Solidariedade conflitual da mãe comparativamente com a do pai ($p = .075$). Para os outros grupos, a análise das médias referentes a este tipo de solidariedade comprovam a ideia de uma perceção do pai como sendo mais crítico quando comparado com a mãe (ver Tabela 6).

Tabela 6. Diferenças de perceção de Solidariedade conflitual (ESI 4) em função do género e orientação sexual (*t de test* para amostras emparelhadas)

		<i>TotalmãeESI</i>	<i>TotalpaiESI4</i>	<i>df</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d de Cohen</i>
		4					
Mulheres não	<i>M</i>	3.49	4.16	1,78	-3.47	.001	-.453
Heterossexuais	<i>DP</i>	(1.30)	(1.64)				

Homens não	<i>M</i>	3.90	4.29	1,80	-1.802	.075(ns)	-.213
Heterossexuais	<i>DP</i>	(1.81)	(1.86)				
Mulheres	<i>M</i>	3.55	3.84	1,97	-1.999	.048	-.178
Heterossexuais	<i>DP</i>	(1.56)	(1.69)				
Homens	<i>M</i>	3.19	3.61	1,96	-3.134	.002	-.292
Heterossexuais	<i>DP</i>	(1.17)	(1.66)				

b) Diferenças relativamente ao neuroticismo face à orientação sexual dos indivíduos.

→ **H2a:** Não há diferenças de níveis de neuroticismo em função da orientação sexual, embora os níveis de neuroticismo sejam superiores em indivíduos do sexo feminino comparativamente com indivíduos do sexo masculino.

O teste de *Levene* comprovou, novamente, a homogeneidade das variáveis ($p = .456$). Os valores resultantes da interação da variável orientação sexual e género tendo em conta a variável dependente - neuroticismo, demonstram que não há diferenças significativas entre os grupos considerados $F(3,446) = .939$; $p = .422$, confirmando assim a hipótese para a orientação sexual e infirmando-a para o sexo.

c) Diferenças entre solidariedade intergeracional em função do neuroticismo na população não heterossexual.

→ **H3a:** Indivíduos com níveis mais elevados de neuroticismo percecionam níveis mais baixos de solidariedade familiar face à sua orientação sexual e estas diferenças são mais acentuadas nos sujeitos que revelaram a sua identidade à sua família.

O teste de *Levene* permitiu verificar que somente a variável ESI 1 apresenta variâncias heterogéneas (ESI 1: $p = .026$), sendo que as restantes variâncias são homogéneas (ESI 2: $p = .071$; ESI 3: $p = .641$; ESI 4: $p = .386$; ESI 5: $p = .935$; ESI Total: $p = .097$).

Para tal, quer a variável do neuroticismo, quer a variável índice da revelação à família, foram dicotomizadas em alto vs baixo, ou seja, resultados acima e abaixo da mediana.

De acordo com os resultados da MANOVA, não foram detetados efeitos significativos principais da revelação à família [Critério de Pillai = .137, $F(10,142) = 1.047$, $p = .408$, $\eta_{p2} = .069$], nem do neuroticismo [Critério de Pillai = .074, $F(5,70) = 1.122$, $p = .357$, $\eta_{p2} = .074$], nem efeitos de interação da revelação à família com o neuroticismo [Critério de Pillai = .124, $F(10,142) = .936$, $p = .502$, $\eta_{p2} = .062$]. Em suma, a variação dos níveis de solidariedade intergeracional não está associada, na população heterossexual, ao baixo ou alto nível de neuroticismo e este facto não foi alterado pela revelação ou não, por parte dos sujeitos, da sua identidade à sua família. Não se verificam efeitos da interação da revelação à família mais próxima (mãe, pai e irmãos) com o neuroticismo sobre a solidariedade intergeracional em nenhuma das dimensões constituintes da escala. Também não foram observadas diferenças de percepção de solidariedade intergeracional com a revelação ou não da identidade aos membros da família.

Considerando a heterogeneidade das variâncias, para a variável Solidariedade funcional recebida (ESI 1) foi realizado um teste *t de student* para grupos com variâncias heterógenas (controlar a heterogeneidade). Os resultados do *t de student* para amostras independentes no ESI 1 revelaram a não existência de diferenças significativas nos valores da solidariedade intergeracional em função de grupos com níveis mais ou menos elevados de neuroticismo ($p = .268$), nem em indivíduos com níveis de neuroticismo alto em função dos índices de revelação (altos ou baixos) ($p = .545$), assim como nem indivíduos com níveis de neuroticismo baixos em função dos índices de revelação (altos ou baixos) ($p = .712$). Em suma, a nossa hipótese foi infirmada nas diversas dimensões da solidariedade intergeracional, pois não se verificam qualquer tipo de efeito principal ou de interação em função do nível de neuroticismo ou da revelação.

3. Discussão dos resultados

A solidariedade intergeracional, pelo apoio social que esta oferece, constitui um importante recurso na consolidação da identidade dos jovens adultos (heterossexuais e/ou não heterossexuais) e a percepção deste apoio é um fator de bem-estar como demonstram numerosos estudos (Clarke, et al., 2010; Fairchild & Hayward, 1996, Marvin & Miller, 2002, cit. in., Palma & Levandowski, 2008; Gato, 2012). Os estudos da solidariedade intergeracional em populações com orientações sexuais não normativas são contudo ainda escassos. Deste modo, o primeiro objetivo do presente estudo consistia em avaliar a

existência de eventuais diferenças na percepção de solidariedade intergeracional, tendo em conta a orientação sexual dos participantes. Para tal foram consideradas algumas das dimensões deste apoio evidenciadas na escala de Solidariedade Intergeracional de Bengtson e Roberts (1991): Solidariedade funcional dada e recebida (ESI 1 e 2), Solidariedade normativa (ESI 3), Solidariedade conflitual (ESI 4) e Solidariedade afetiva (ESI 5).

No que diz respeito a diferenças na percepção de solidariedade intergeracional em função da orientação sexual, verificou-se que a população não heterossexual apresenta valores mais baixos de Solidariedade normativa (ESI 3), de Solidariedade afetiva (ESI 5) e valores mais elevados de Solidariedade conflitual (ESI 4), isto é, estes indivíduos parecem perceber menos solidariedade e mais conflito com as figuras parentais. Estes resultados apresentam concordância com a ideia de que a orientação sexual influencia a percepção de apoio social (Lynch, 1998). Tal sucede porque a revelação pode ser acompanhada por comportamentos de discriminação, exclusão social e por uma diminuição do grau de apoio familiar (D'Augelli et al., 1998; D'Augelli & Hershberger, 1993). É de realçar contudo que esta situação não parece alterar a percepção de apoio funcional. Esta situação pode dever-se ao facto de que, atualmente, o apoio instrumental é particularmente importante na relação dos pais com os filhos/adultos emergentes, devido à situação económica que leva a que esta ajuda se prolongue até uma idade mais tardia. (Coimbra & Mendonça, 2013; Lin & Wu, 2014).

Contudo, as análises deste estudo não confirmam, na presente amostra, a validade das conceções relativas às diferenças da percepção de apoio familiar tendo em conta o género em função da orientação sexual dos participantes, pois seria esperado que na população não heterossexual as mulheres percecionassem mais solidariedade comparativamente com os homens e que a amplitude das diferenças de género fossem maiores nos indivíduos não heterossexuais do que nos heterossexuais. Posto isto, quando tais diferenças se manifestam, os resultados permitem-nos observar exatamente o oposto, dado que a percepção de solidariedade por parte dos homens é superior aquela que é percecionada pelas mulheres. Estas diferenças são observadas na dimensão da Solidariedade funcional recebida (ESI 1), Solidariedade normativa (ESI 3) e Solidariedade conflitual (ESI 4). Deste modo e de acordo com as análises efetuadas podemos afirmar que no que diz respeito à Solidariedade funcional recebida (ESI 1) e à Solidariedade normativa (ESI 3), mulheres não heterossexuais apresentam percepções inferiores de solidariedade intergeracional comparativamente com homens não heterossexuais ou com mulheres ou homens heterossexuais, que não diferem

entre si. Na última dimensão onde foram encontradas diferenças, Solidariedade conflitual (ESI 4), homens não heterossexuais não se diferenciam das mulheres não heterossexuais nem de mulheres heterossexuais, mas todos percecionam maiores índices de conflito comparativamente com homens heterossexuais. A comparação de tais diferenças inesperadas exigiria estudos mais aprofundados. Nas restantes dimensões não foram encontradas diferenças em função do género e da orientação sexual (Solidariedade funcional dada, ESI 2 e Solidariedade afetiva, ESI 5). A não existência de diferenças significativas na dimensão da Solidariedade funcional – dada (ESI 2) na presente amostra não parece ir de encontro com os resultados provenientes do estudo de Lynch (1998), que mostrou que as filhas oferecem mais apoio positivo aos pais. Uma possível explicação para a não existência de diferenças na Solidariedade afetiva (ESI 5) pode prender-se com o facto de que a revelação não tenha sido ainda concretizada e esta perceção de apoio seja baseada numa pré-avaliação do contexto realizada pelos sujeitos numa tentativa de averiguar se será seguro ou não a realização deste passo, ou só o será se este apoio afetivo for garantido (Carneiro, 2009; Elizur & Ziv, 2001; Clarke, et al., 2010). Uma outra explicação alternativa para a não existência de diferenças estatisticamente significativas na Solidariedade afetiva (ESI 5) seria a possibilidade de a revelação já ter sido concretizada. Face a este pressuposto, podemos inferir que os indivíduos possam não ter manifestado qualquer mudança na perceção da relação com os pais, especialmente no que diz respeito à comunicação, proximidade afetiva e compreensão, aspetos avaliados pela dimensão Solidariedade afetiva (ESI 5).

No que concerne às associações encontradas entre a perceção de solidariedade intergeracional e o género dos filhos, destacam-se efetivamente diferenças entre os grupos. Uma análise mais pormenorizada permite perceber que em todas as dimensões os valores referentes às médias dos filhos são superiores aos das filhas, o que nos conduz à não validação da hipótese referente a uma possível perceção de maior solidariedade familiar por parte de indivíduos do sexo feminino quando comparados com indivíduos do sexo masculino, isto porque os rapazes parecem percecionar mais solidariedade quando comparados com as raparigas. Deste modo, os contributos deste estudo não parecem ir de encontro aos salientados pela maior parte da literatura em temáticas do apoio e diferenças de género, pois a literatura ressalta o facto de as raparigas relatarem uma maior perceção de apoio social do que os rapazes, apoio este que inclui o da família e dos amigos (Swickert & Owens, 2010). Investigadores como Pearson e Wilkinson (2012), referem também que as raparigas ao percecionarem maior apoio por parte dos pais, não manifestam níveis tão

elevados de stress relativamente à sua orientação sexual. Quando comparados com indivíduos heterossexuais as conclusões mantêm-se, ou seja, também as raparigas heterossexuais percecionam maior apoio comparativamente com rapazes heterossexuais (Strohm et al., 2007). Esta diferença entre mulheres e homens pode ser explicada pelos contributos de Swickert e Owens (2010), que referem que as mulheres manifestam maiores níveis de interações positivas nas suas relações sociais e maior intimidade e aproximação nestes contactos, ao passo que os rapazes tendem a ser mais autónomos e distantes nos relacionamentos que estabelecem com os outros. Visto que este pressuposto não foi verificado na presente amostra, é possível inferir acerca de algumas razões explicativas que possam justificar os resultados. Posto isto, e na medida em que as raparigas manifestam maiores expectativas de solidariedade recebida, influenciadas pelas próprias dinâmicas dos seus relacionamentos e por uma maior sensibilidade, pode dificultar o modo como estas lidam com as tarefas do desenvolvimento (Mimoso, 2013) e, consequentemente, percecionar as suas expectativas como maioritariamente frustradas, reportando assim um menor nível de solidariedade intergeracional inferior ao realmente recebido. O mesmo não parece suceder com os rapazes pois como não têm expectativas tão elevadas face ao apoio/solidariedade que poderão receber, derivadas à sua maior autonomia e distância que colocam nos seus relacionamentos, bem como a uma menor capacidade de dar a conhecer os seus desejos e necessidades, não esperam receber índices elevados de solidariedade, o que conduz a que as expectativas não sejam destronadas.

O nosso estudo tentou também avaliar a existência de diferenças na percepção de solidariedade familiar referente às figuras parentais em sujeitos não heterossexuais. Relativamente às diferenças de solidariedade recebida da mãe comparativamente com o pai, os resultados da presente investigação parecem ir de encontro aos obtidos por investigações desenvolvidas neste âmbito somente na dimensão Solidariedade conflitual (ESI 4). Mais uma vez, a Solidariedade conflitual (ESI 4) revela-se maioritariamente associada à figura paterna, demonstrando a existência de maior conflito, desacordo e tensão com este. Savin-Williams (2001), refere que o pai, por vezes, não sabe como reagir ou como dar suporte, daí também existir uma menor percepção de solidariedade do pai quando comparado com a da mãe e, consequentemente, uma maior probabilidade de percepção de conflito ou tensão. Análises posteriores foram motivadas pela curiosidade em perceber que orientações sexuais reportavam esta tensão e desacordo face à figura paterna e se seria idêntica para homens e para mulheres. Contrariamente ao que seria esperado, os homens não heterossexuais são

aqueles que não manifestam diferenças nas percepções relativamente a este tipo de solidariedade tendo em conta o género das figuras parentais, pois a percepção de conflito é elevada tanto para o pai como para a mãe. Este resultado pode ser explicado pelo facto de que os indivíduos não heterossexuais do sexo masculino, quando comparados com indivíduos não heterossexuais do sexo feminino, antecipam mais dificuldade na revelação da sua orientação sexual ao pai do que à mãe. O mesmo não acontece com as raparigas pois estas sentem maior abertura por parte da mãe (Savin-Williams, 2001). Assim sendo, os resultados indicam também que indivíduos do sexo feminino, independentemente da orientação sexual, e indivíduos do sexo masculino heterossexuais são aqueles que percecionam o pai como sendo mais crítico e desencadeador de tensão, quando comparado com a mãe. Domínguez-Fuentes, Hombrados-Mendieta e Garcia-Leiva (2012), salientam a ideia de que as pessoas heterossexuais são mais tolerantes à orientação sexual não-normativa do género oposto e menos tolerantes relativamente aos homens do que às mulheres. Ora, os pais parecem ser menos tolerantes face à orientação sexual de filhas não heterossexuais que as mães, não sendo contudo mais tolerantes face aos seus filhos, o que se traduz em maiores números de conflito referente à dimensão da Solidariedade conflitual (ESI 4). Paralelamente, as mulheres não heterossexuais referem que apenas revelam a sua orientação, em último caso, ao pai porque querem terminar com este “segredo”, ou porque pensam que estes desconfiam ou porque alguém lhes contou, nomeadamente a mãe (Savin-Williams, 2001).

Podemos ainda constatar que os resultados obtidos não vão de encontro ao que tem vindo a ser descrito na literatura para a maioria das dimensões da solidariedade, que afirmam que a mãe é o elemento familiar, que quando comparada com o pai, se manifesta mais apoiante e, por sua vez, menos conflituosa (Marks & McLanahan, 1993). D’Augelli e Hershberger (1993), Hunter (2007), Carneiro (2009) e Oliveira et al., (2010) sugerem que a figura materna constitui o primeiro alvo da revelação, na medida em que os sujeitos percecionam o pai menos tolerante face à descoberta de uma orientação não normativa, assim como a uma educação de cariz mais rígido e a uma visão marcadamente heterossexista (constituindo assim uma razão justificativa do maior conflito associado à figura paterna), ao passo que a mãe é vista como mais maternal, associando-a por isso a um amor incondicional e isento de conflito. Esta última figura é mencionada por Wagner, Falcke, Silveira e Mosmann (2002), como o elemento familiar com quem os jovens e adultos emergentes mais conversam, contrariamente à figura paterna (49,8% e 12,2%,

respetivamente). Pressupõe-se então que esta pré-avaliação realizada pelos sujeitos não heterossexuais possa também estar relacionada com o apoio que pensam receber aquando da revelação da sua orientação sexual. Também Amâncio (2004) manifesta concordância com os resultados anteriormente apresentados acerca da diferenciação entre a figura materna e a figura paterna (cit. in., Carneiro, 2009) na medida em que são associadas à mãe maiores expressões de carinho, afeto e compreensão, sendo que o pai não parece ser o elemento eleito na vida do indivíduo para abordar assuntos de índole pessoal e íntimos, visto serem-lhe associados papéis como o de sustentador da família (Wagner, et al., 2002). Contudo, no sentido oposto, Savin-Williams (2001), defende que, no caso das pessoas não heterossexuais, a perceção de menor apoio por parte do pai se relaciona com o facto de este não ser preferencialmente o primeiro alvo da revelação, o que não invalida o fornecimento de apoio aos seus filhos. A literatura apresenta diversos pontos de vista no que concerne ao género dos filhos, contudo uma investigação levada a cabo por Cooper, Brown, Metzger, Clinton e Guthrie (2012), numa amostra constituída por adolescentes afro-americanos, revelou resultados semelhantes aos verificados neste estudo. Segundo os autores, os rapazes percecionam maior solidariedade parental quando comparados com as raparigas. Os resultados obtidos podem também relacionar-se com o facto de as raparigas percecionarem os pais como mais autoritários, enquanto que os rapazes os consideram mais negligentes e permissivos, o que também pode apresentar relações com a ideia de maior autonomia dos comportamentos e atitudes atribuída aos rapazes (Ducharme, Cruz, Marinho, & Grande, 2006). Os fatores que determinam uma perceção da mãe ou do pai como mais apoiantes podem equilibrar-se na amostra portuguesa embora investigações posteriores seriam necessárias para testar esta hipótese.

A menor existência de contacto com a figura paterna no que concerne às dinâmicas da vida pessoal pode também relacionar-se com a perceção de um maior conflito. Embora pouco representativo, o estudo de Palma e Levandowski (2008), com uma amostra feminina de lésbicas, ressalta o relato de uma participante que referiu ter recebido apoio de ambos os pais. Este resultado é merecedor de destaque na medida em que podemos considerá-lo como uma aproximação da figura paterna à imagem tradicionalmente associada à figura materna de confidente e apoio absoluto. Constitui também um avanço na forma de encarar e aceitar estas minorias sociais, que simultaneamente pode traduzir uma diminuição do preconceito, exclusão social e liberdade de escolha que se refletem dentro e fora das dinâmicas familiares. De acordo com Custódio e Cruz (2008), atualmente estamos na presença de

papéis de género mais igualitários, visto que o pai parece ter vindo a ser cada vez mais descrito como sensível, presente e afetivamente mais próximo, descrições estas que podem relacionar-se com a não diferenciação de papéis resultante das novas configurações e dinâmicas familiares explicando assim a ausência de diferenças na perceção de apoio do pai e da mãe (Balancho, 2004; Oliveira, 2014).

O segundo objetivo do estudo focou-se na exploração de possíveis relações entre neuroticismo e perceção de solidariedade intergeracional. Deste modo, o segundo objetivo consistiu na verificação da interdependência do neuroticismo, nomeadamente no que concerne a aspetos de vulnerabilidade e a orientação sexual dos participantes, bem como confirmar as diferenças em função do género. Na amostra em análise não foram encontradas diferenças significativas nos níveis de neuroticismo decorrentes da orientação sexual, confirmando a nossa hipótese. Contudo, não foram observadas diferenças de género em favor das mulheres, apesar de a literatura afirmar as mulheres apresentam níveis mais elevados de neuroticismo comparativamente com os homens (Bergh, Akrami, & Ekehammar, 2012; Heaven & Shochet, 1995; Martin & Kirkcaldy, 1998; Swickert & Owens, 2010; Vianello, Schnabel, Sriram, & Nosek, 2013) resultados estes que também não são visíveis na nossa amostra. Estes resultados também poderão encontrar razões justificativas nos contributos da literatura que referem que outras características dos indivíduos, como o facto de serem mais calmos, relaxados, menos agitados podem influenciar os níveis de ansiedade e vulnerabilidade, fazendo com que estes sejam mais baixos (Nunes, 2000).

Estudos na área da personalidade, e especificamente na faceta aqui analisada, referem que existe uma correlação alta entre neuroticismo e reações emocionais aos problemas do dia-a-dia, nomeadamente associados a discriminação, bem como a sentimento de pessimismo e depressão (Maltby, Lewis, & Hill, 1998; Suls, Green & Hills, 1998, cit. in., Oliveira, 2002) que podem levar os sujeitos a desvalorizar os apoios recebidos. Estes resultados são comprovados pela ideia explícita na literatura de que as características da personalidade, nomeadamente a vulnerabilidade, podem tornar mais difícil a tomada de decisão (LaSala, 2010). Estas conceções permitem formular a hipótese de que as características da personalidade e as decisões dos participantes relativas à revelação da sua identidade à família influenciarão a perceção de apoio familiar no caso de indivíduos não heterossexuais. Daí o surgimento do terceiro grande objetivo deste estudo – indivíduos com níveis mais altos de neuroticismo percebem tanto menos solidariedade intergeracional

quanto menos revelação da sua orientação sexual à sua família. Esta hipótese baseia-se num estudo desenvolvido por Swickert e Owens (2010), que demonstrou que o nível de neuroticismo influencia a percepção de apoio percebido, bem como a revelação poderá manifestar uma interação nesta percepção. Assim, os sujeitos mais resilientes em revelar a sua identidade aos outros, comparativamente com os que a revelam, quando manifestam maiores índices de neuroticismo, podem percecioner um aumento dos níveis de afeto negativo, conduzindo a uma maior insatisfação nas relações sociais e percepção de apoio parental mais baixo. Estes resultados não se manifestam em sujeitos que revelam a sua orientação sexual à família. Ora, relativamente ao presente estudo, as análises revelam que a percepção de solidariedade intergeracional não parece apresentar variações em função do neuroticismo nem da interação entre neuroticismo e revelação. Este resultado não vai de encontro aos contributos de Swickert e Owens (2010), que referem que quando o neuroticismo aumenta, diminui a percepção de apoio social, pois a revelação não parece alterar esta relação. Em suma, na amostra em consideração não se manifestaram nem efeitos principais, nem de interação entre o neuroticismo e a revelação à família sobre a solidariedade familiar. Se os resultados confirmam, como afirma Oliveira (1999), que o neuroticismo é um traço estável da personalidade, ao invés de um estado emotivo passageiro, a ausência de influência sobre as percepções de solidariedade é mais difícil de compreender. Ou seja, o resultado do presente estudo pode relacionar-se com o facto de que o neuroticismo poderá não manifestar uma maior influência em fase de revelação, dado que esta fase deixa de representar um acontecimento particularmente stressante. Posto isto, o neuroticismo, como traço estável da personalidade, não manifestou uma influência particular na fase da revelação, bem como não influencia a percepção de apoio familiar. Podemos pensar que as evoluções associadas à homossexualidade e a forma como esta é encarada pode suscitar nos indivíduos não heterossexuais uma maior abertura e facilidade em transmitir e abordar a sua orientação sexual e, consequentemente, uma diminuição do medo da rejeição e de abandono, de ideias irreais e de maior vulnerabilidade.

Capítulo VI. Conclusões

1. Conclusões e considerações finais

A presente investigação teve como principais objetivos a compreensão das dinâmicas familiares no que diz respeito à solidariedade percebida entre os membros, nomeadamente dos filhos relativamente aos pais. Esta análise recaiu não só sobre a população heterossexual, como também sobre a população não heterossexual. Deste modo, foi dado um enfoque principal na análise das eventuais diferenças entre estas duas populações e as suas variações em função do género dos pais e dos filhos, compreender de que maneira o neuroticismo e a revelação estão associados a variações do apoio familiar em indivíduos não heterossexuais foi também alvo de interesse. Assim, e tendo em conta a conjugação daquilo que foi apresentado no enquadramento teórico e na discussão dos resultados, podemos formular alguns aspetos que importam ressaltar. É notória a influencia da família e da variação da perceção de solidariedade proveniente desta no processo da construção de uma identidade não heterossexual. Esta relação pode ser interpelada ou facilitada por diversos fatores, fatores estes que se estendem a um nível macro – como a própria sociedade e os valores pelos quais as relações entre os indivíduos se regem -, ou a um nível micro – onde podem constar as relações significativas que o indivíduo vai construindo ao longo de todo o seu ciclo vital (Cunningham & Melton, 2014). É neste nível micro que se situa uma das variáveis centrais deste estudo, a solidariedade intergeracional, na medida em que a perceção de apoio parental, promotor do desenvolvimento de relações seguras e significativas, sejam elas dentro da própria família como fora dela, poderá predizer a forma como os jovens encaram o mundo e os acontecimentos que nele ocorre, assim como a maneira como formulam o conceito de si (Fontaine, Campos, & Musitu, 1992; Mimoso, 2013).

Os resultados desta investigação revelam que existem efetivamente diferenças na perceção de solidariedade intergeracional, sendo esta mais baixa na população não heterossexual em certos casos (Solidariedade normativa, ESI 3; Solidariedade conflitual, ESI 4; Solidariedade afetiva, ESI 5). Nas dimensões Solidariedade normativa (ESI 3) e Solidariedade afetiva (ESI 5) são verificadas diferenças entre indivíduos não heterossexuais e heterossexuais, em favor destes últimos.

Contrariamente ao esperado, os indivíduos do sexo feminino não heterossexuais não parecem ter mais perceção de Solidariedade funcional recebida (ESI 1) e Solidariedade

normativa (ESI 3) comparativamente com os indivíduos do sexo masculino ou heterossexuais. Relativamente à Solidariedade conflitual (ESI 4), embora se verifiquem diferenças entre os grupos, quando analisamos a solidariedade em função do género, não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres não heterossexuais, mas apenas entre homens e mulheres heterossexuais, contrariamente ao que seria esperado tendo em conta formulação da hipótese.

Apesar de estarmos perante uma luta, cada vez mais notória, contra o preconceito e o estigma social associados à orientação sexual não normativa, comprovada pelas transformações na forma de encarar os sujeitos não heterossexuais, tais preconceitos ainda influenciam a vivência da sexualidade por parte dos indivíduos, podendo limitar a sua perceção do apoio proveniente das suas redes significativas (Soares, Feijó, Valério, Siquieri, & Pinto, 2011). Sabe-se que é difícil para os pais aceitar a orientação não normativa dos seus filhos (Hunter, 2007). Ora, o apoio proveniente dos pais, em particular da figura materna, ocupa um lugar central na satisfação com a orientação sexual, na medida em que os sujeitos percebem um maior apoio proveniente da mãe devido serem associadas maiores expressões de carinho e maior abertura e comunicação face aos problemas do quotidiano (Cardoso, 2012). Acrescenta-se a esta perceção de apoio superior um maior número de revelações à mãe do que ao pai. No entanto, apesar de se constatar que o pai raramente constitui o primeiro alvo da revelação, os resultados de algumas investigações revelam uma aproximação dos valores referentes à revelação à mãe e à revelação ao pai, refletindo uma maior abertura na comunicação da orientação sexual. Contudo, ao analisarmos, neste estudo, a dimensão da Solidariedade conflitual (ESI 4) o género dos pais apresenta diferenças estatisticamente significativas, isto porque é associado ao pai mais conflitos, tensão e desacordo quando comparado com a mãe. Este resultado apenas não se verifica para indivíduos não heterossexuais do sexo masculino, pois estes, quando comparados com os restantes grupos não parecem perceber o pai como um elemento mais conflituoso do que a mãe.

Assim, famílias promotoras de confiança, de autonomia, com vinculações seguras e responsivas tendem a ter um maior conhecimento acerca da orientação sexual dos seus filhos, comparativamente com famílias com valores marcadamente tradicionais que despoletam nos filhos o receio da transmissão deste tipo de informação. Muitas das vezes, o segredo pode ser motivado pelo medo de perderem o amor incondicional caracterizador da relação pais-filhos (Savin-Williams & Dubé, 1998). Complementarmente a esta análise,

também indivíduos não heterossexuais do sexo feminino parecem perceber menores níveis de apoio comparativamente com indivíduos do sexo masculino (Cooper, et al., 2012), como se observa na presente amostra.

Para além da importância da família na consolidação da identidade, pensamos que a personalidade poderá também manifestar um papel interessante na sua consolidação, como é o caso do traço cognitivo-afetivo que é o neuroticismo. Conforme as nossas hipóteses, o neuroticismo não parece manifestar-se mais intensamente nos indivíduos não heterossexuais comparativamente com indivíduos heterossexuais, ou seja, a conceção de que os indivíduos não heterossexuais são mais vulneráveis face aos acontecimentos stressantes não se verificou no presente estudo, assim como a percepção de solidariedade intergeracional não parece interpelar a fase do *coming-out*. Estes resultados podem traduzir uma dissipação da fragilidade e do medo associado a esta população, derivados das mudanças sociais e culturais e de uma maior abertura na discussão e escolha de uma orientação sexual. Eles acrescentam novos contributos e inovações face ao estudo de indivíduos não heterossexuais.

2. Limitações e implicações futuras

Uma generalização dos resultados considera-se difícil tendo em conta as limitações com que qualquer estudo se depara na sua concretização. De acordo com as opções metodológicas utilizadas, a presente investigação foi desenvolvida segundo uma lógica quantitativa e inclui um número limitado de variáveis revelando as vezes resultados inesperados. Deste modo, seria interessante introduzir nestas análises uma vertente qualitativa, na medida em que permitiria o acesso ao significado real das vivências da comunidade não heterossexual nos seus variados contextos, nomeadamente no contexto familiar que se revela de extrema importância para a consolidação e construção da identidade e consequente bem-estar do sujeito. Também o facto de a população não heterossexual ser ainda uma população de difícil acesso, não nos permite afirmar que estamos na presença de uma amostra representativa de uma que incluiria todas as orientações sexuais não-normativas.

Longe de encontrarmos respostas, alguns aspetos podem estimular novos estudos, nomeadamente os contributos obtidos neste: na medida em que a religião e os valores sociais aparecem muitas vezes descritos na literatura como um fator que influencia a percepção de solidariedade familiar, seria importante estender este estudo a uma população

mais ampla e mais heterogênea no que concerne à importância atribuída a estas duas características, com o intuito de verificar a existência ou não de diferenças culturais nas reações familiares face à orientação não heterossexual. Esta sugestão prende-se com a noção de que a aceitação por parte da família não varia somente tendo em conta o género e orientação sexual, podendo também ser justificada pelas dinâmicas da família e suas características que interpelam esta fase de aceitação, nomeadamente a religião e os valores (Ryan, Russell, Huebner, Diaz, & Sanchez, 2010). Seria igualmente interessante averiguar os diferentes graus de solidariedade percebidos nas diferentes dimensões de uma orientação não heterossexual, discriminando as diferenças de apoio percebido por gays, lésbicas, bissexuais e transsexuais. Esta sugestão prende-se com o facto de que existem determinadas identidades de género ainda pouco exploradas e que a sua influencia na maneira como os indivíduos estabelecem as suas relações familiares e sociais, assim como o apoio que pensam poder receber por parte dos seus familiares são ainda pouco estudadas (e.g. transsexuais) (Soares et al., 2011). Outras análises referentes ao apoio percebido poderiam ser realizadas incidindo nos tipos de vinculação, pois a literatura afirma que os tipos de vinculação parecem relacionar-se com a comunicação e a existência de conflitos marcadamente intensos na fase da adolescência.

Por fim, a realização de estudo longitudinais contribuiria para averiguar se a percepção de solidariedade familiar apresentaria mudanças ao longo do tempo, mudanças estas motivadas pelos próprios avanços sociais, pelas novas configurações familiares, ou pela maneira de encarar a homossexualidade e até a aceitação dos pais com a orientação sexual não heterossexual dos seus filhos, percebendo se o tempo cronológico manifesta influencias nas relações dos pais com os filhos. Relacionar variáveis sociodemográficas, nomeadamente a área de residência (rural/urbana), com a percepção de solidariedade intergeracional seria também vantajoso para averiguar a evolução na forma de encarar este tipo de população (Lee & Quam, 2013). Por último, estudos que incidam nos aspetos positivos de uma orientação não heterossexual, nomeadamente a satisfação com a relação homossexual, poderiam contribuir para a desmistificação de ideias pré-concebidas e das visões depreciativas associadas à identidade e às experiências de jovens não heterossexuais (Savin-Williams, 2001; Clarke, et al., 2010).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque, A. (2003). A homossexualidade. In: Fonseca, L., Soares, C., & Vaz, J. M. *A sexologia: perspectiva multidisciplinar I*. pp. 359-382. Coimbra: Quarteto
- Amaro, F. (2014). O que é a família. In: Amaro, F. *Sociologia da família*. pp.1-12. Lisboa: Pactor.
- Amaro, F. (2014). Formação da família, casamento e vida íntima. In: Amaro, F. *Sociologia da família*. pp.57-73. Lisboa: Pactor.
- Antunes, C. & Fontaine, A. M. (2005). *Perceção de apoio social na adolescência: análise fatorial confirmatória da escola social support appraisals*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Armesto, J. C. & Weisman, A. G. (2001). Attributions and emotional reactions to the identity disclosure (“coming out”) of a homosexual child. *Family Process*, 40(2), 145-161. DOI: 10.1111/j.1545-5300.2001.4020100145.x
- Balancho, L. S. F. (2012). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 2(XXII), 377-386. DOI: 10.14417/ap.198
- Bengtson, V. L. & Silverstein, M. (1997). Intergenerational solidarity and the structure of adult child-parent relationships in american families. *American Journal of Sociology*, 103(2), 429-460. DOI: 10.1086/231213
- Bengtson, V. L., Giarusso, R., Mabry, J. B., & Silverstein, M. (2002). Solidarity, conflict and ambivalence: complementary or competing perspectives on intergenerational relationships? *Journal of Marriage and Family*, 64(3), 568-576. DOI: 10.1111/j.1741-3737.2002.00568.x
- Bergh, R., Akrami, N., & Ekehammar, B. (2012). The compatibility of personality and social identity processes: The effect of gender identity on neuroticism. *European Journal of Personality*, 26(3), 175-181. DOI: 10.1002/per.851
- Böing, E., Crepaldi, M. A., & Moré, C. L. O. O. (2008). Pesquisas com famílias: Aspectos teórico-metodológicos. *Paidéia*, 18(40), 251-266.
- Bornstein, M. H. (2005). Parenting matters. *Infant and Child Development*, 14, 311-314. DOI: 10.1002/icd.394
- Braz, A. C, Cômodo, C. N, Prette, Z, Prette, A., & Fontaine, A. M. (2013). Habilidades sociales & intergeneracionalidad en las relaciones familiares. *Apuntes de Psicologia*. 31(1), 77-84.

- Brennan-Ing, M., Seidel, L., Larson, B., & Karpiak, S. E. (2014). Social care networks and older LGBT adults: Challenges for the future. *Journal of Homosexuality*, 61(1), 21-52. DOI: 10.1080/00918369.2013.835235
- Brown, T. M. & Fee, E. (2003): Voices from the past. *American Journal of Public Health*, 93(6), 894-898.
- Cardoso, D. F. C. (2012). *A capacidade de estar só e a percepção das práticas parentais na adolescência*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Carneiro, N. S. (2009). *Homossexualidades: Uma psicologia entre ser, pertencer e participar*. Porto: Livpsic.
- Chambel, E. M. (2011). Solidariedades familiares e sociais. In. Leandro, M. E. *Laços familiares e sociais*. pp.267-274. Viseu: Psicosoma.
- Clarke, V., Ellis, S. J., Peel, E., & Riggs, D. W. (2010). *Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Queer Psychology*. New York: Cambrigde University Press.
- Coimbra, S. & Mendonça, M. G. (2013). Solidariedade intergeracional e satisfação com a vida: efeitos de mediação com adultos emergentes. *Paidéia*, 23(55), 161-169.
- Cooper, S. M., Brown, C., Metzger, I., Clinton, Y., & Guthrie, B. (2012). Racil discrimination and african american adolescents' adjustment: Gender variation in family and community social support, promotive and protective factors. *Journal of Child Family Studies*, 22(1), 15-29. DOI: 10.1007/s10826-012-9608-y
- Costa, P. T. & McCrae, R. R. (1992). *NEO PI-R manual profissional: NEO PI-R, inventário de personalidade neo revisto*. Lisboa: CEGOC-TEA.
- Cunningham, G. & Melton, E. N. (2014). Varying degrees of support: understanding parents' positive attitudes toward LGBT coaches. *Journal of Support Management*, 28(4), 387-398. DOI: 10.1123/jsm.2013-0004
- Custódio, S. & Cruz, O. (2008). As representações mentais das crianças acerca das figuras parentais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(4), 393-405. DOI: 10.1590/s0102-37722008000400002
- D'Augelli, A. R. & Hershberger, S. L. (1993). Lesbian, gay and bisexual youth in community settings: personal challenges and mental health problems. *American Journal of Community Psychology*, 21(4), 421-448. DOI: 10.1007/bf00942151

- D'Augelli, A. R., Hershberger, S. L., & Pilkington, N. W. (1998). Lesbian, gay and bisexual youth and their families: Disclosure of sexual orientation and its consequences. *American Journal of Orthopsychiatry*, 68(3), 361-371. DOI: 10.1037/h0080345
- Domínguez-Fuentes, J. M., Hombrados-Mendieta, M. I., & García-Leiva, P. (2012). Social support and life satisfaction among gay men in Spain. *Journal of Homosexuality*, 59(2), 241-255. DOI: 10.1080/00918369.2012.648879
- Ducharne, M. A. B., Cruz, O., Marinho, S., & Grande, C. (2006). Questionário de estilos educativos parentais (QEEP). *Psicologia e Educação*, 1(1), 63-75.
- Elizur, Y. & Ziv, M. (2001). Family support and acceptance, gay male identity formation and psychological adjustment: A path model. *Family Process*, 40(2), 125-144. DOI: 10.1111/j.1545-5300.2001.4020100125.x
- Fernández, M. L., Fernández, M. V. C., & Castro, Y. R. (2013). *Sexualidad y salud: El estudio de la sexualidad humana desde una perspectiva de género*. Universidade de Vigo.
- Fontaine, A. M., Campos, B. P., & Musitu, G. (1992). Percepção das interações familiares e conceito de si próprio na adolescência. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 8, 69-78.
- Fontaine, A. M. & Matias, M. (2003). Familismo/individualismo em jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos exploratório. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 10(8), 2348-2362.
- Frazão, P. & Rosário, R. (2008). O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 26(1), 25-45.
- Freijo, E. A. & Delgado, A. O. (2010). *Desarrollo psicológico en las nuevas estruturas familiares*. Espanha: Pirâmide, pp.17-23.
- Gato, J. J. (2012). *Homoparentalidades num contexto heteronormativo*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Gato, J. J., Carneiro, N. S., & Fontaine, A. M. (2011). Contributo para uma revisitação histórica e crítica do preconceito contra as pessoas não heterossexuais. *Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política*, 1(1), 139-167.
- Gato, J. & Fontaine, A.M. (2012). Atitudes face à diversidade sexual no contexto psicossocial, jurídico, da saúde e educativo. *Exdra*, 6, 81-103.
- Gimeno, A. (2001). *A família: O desafio da diversidade*. Lisboa: Epistemologia e Sociedade.
- Hansenne, M. (2003). *Psicologia da Personalidade*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Heaven, P. C. L. & Shochet, I. M. (1995). Dimensions of neuroticism: Relationships with gender and personality traits. *Personal Individuals Differences*, 18(1), 33-37. DOI: 10.1016/0191-8869(94)00130-k
- Heller, K., Swindle, R. W., & Dusenbury, L. (1986). Component social support processes: Comments and integration. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 54(4), 466-470. DOI: 10.1037/0022-006x.54.4.466
- Huegel, K. (2011). *GLBTQ: The survival guide for gay, lesbian, bisexual, transgender, and questioning teens*. United States: Free Spirit Publishing Inc.
- Hunter, S. (2007). Disclosures to parents. In: Hunter, S. *Coming out and disclosures: LGBT persons across the life span*. pp. 96-106. New York: Routledge
- John, O. P., Robins, R. W., & Pervin, L. A. (2008). *Handbook of personality: Theory and research*. New York: The Guilford Press.
- LaSala, M. C. (2010). *Coming out, coming home: Helping families adjust to a gay or lesbian child*, New York: Columbia University Press.
- Leandro, M. E. (2001). *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Lee, M. G. & Quam, J. K. (2013). Comparing supports for LGBT aging in rural versus urban areas. *Journal of Gerontological Social Work*, 56(2), 112-126. DOI: 10.1080/01634372.2012.747580
- Lima, A. S. & Simões, A. (1997). Inventário de personalidade neo-revisto (NEO-PI-R). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, 17-32.
- Lin, I. F. & Wu, H. S. (2014). Intergenerational exchange and expected support among the young-old. *Fam Relat*, 76(2), 261-271. DOI: 10.1111/jomf.12093
- Lynch, S. A. (1998), Who supports whom? How age and gender affect the perceived quality of support from family and friends. *The Gerontologist*, 38(2), 231-238. DOI: 10.1093/geront/38.2.231
- Lynn, R. & Martin, T. (1997). Gender differences in extraversion, neuroticism, and psychoticism in 37 nations. *The Journal of Social Psychology*, 137(3), 369-373. DOI: 10.1080/00224549709595447
- Lowenstein, A., Katz, R., & Gur-Yaish, N. (2007). Reciprocity in parent-child exchange and life satisfaction among the elderly: A cross-national perspective. *Journal of Social Issues*, 63(4), 865-883. DOI: 10.1111/j.1540-4560.2007.00541.x

- Maltby, J., Lewis, C. A., & Hill, A. P. (1998). Oral pessimism and depressive symptoms: A comparison with other correlates of depression. *British Journal of Medical Psychology*, 71, 195-200. DOI: 10.1111/j.2044-8341.1998.tb01380.x
- Marks, N. F. & McLanahan, S. S. (1993). Gender, family structure, and social support among parents. *Journal of Marriage and the Family*, 55(2), 481-493. DOI: 10.2307/352817
- Martin, T. & Kirkcaldy, B. (1998). Gender differences on the EPQ-R and attitudes to work. *Personality and Individual Differences*, 24(1), 1-5. DOI: 10.1016/S0191-8869(97)00143-8
- Marujo, H. A. (1997). As práticas parentais e o desenvolvimento sócio-emocional. In: Marchand, H. & Pinto, H. R. *Família: Contributos da Psicologia e das Ciências da Educação*. pp.129-141. Lisboa: EDUCA.
- Michel, A. (1983). O casamento e a família: Aspectos sócio-demográficos. In: Michel, A. *Sociologia da família e do casamento*. pp.149-206. Porto: Rés.
- Mimoso, A. R. M. F. (2013). *Perceção das atitudes parentais e bem-estar psicológico em adolescentes*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Mitjilla, M. R. & Jesus, C. S. (2004). Globalização, modernidade e individualização social. *Revista Katálisis*, 7(1), 69-79.
- Monteiro, I. B. J. (2010). *Solidariedade familiar intergeracional e bem-estar psicológico: Estudo intergeracional sobre a relação de apoio entre filhas adultas e suas mães*. Tese de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Mohr, J. J. & Fassinger, R. E. (2000). Measuring dimensions of lesbian and gay male experience. *Measurement and evaluation in counseling and development*, 33, 66-90.
- Múthen, B. & Kaplan, D. (1985). A comparison of some methodologies for the factor analysis of non-normal likert variables. *British Journal of Mathematical and Statistics Psychology*, 38, 171-189.
- Naphy, W. (2004). *Born to be gay: A history of homosexuality*. Stroud: Tempus.
- Noller, P., Feeney, J. A., Sheehan, G., & Peterson, C. (2000). Marital conflict patterns: Links with family conflict and family members' perceptions of one another. *Personal Relationships*, 7(1), 79-94. DOI: 10.1111/j.1475-6811.2000.tb00005.x
- Nunes, C. H. S. (2000). *A construção de um instrumento de medida para o fator neuroticismo/estabilidade emocional dentro do modelo de personalidade dos cinco*

- grandes fatores*. Tese de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Oliveira, J. H. B. (1999). Neuroticismo: Teoria e avaliação (proposta de uma nova escala). *Psicologia, Educação e Cultura*, III(1), 129-144.
- Oliveira, J. H. B. (2002). Neuroticismo: algumas variáveis diferenciais. *Análise Psicológica*, 20(4), 647-655. DOI: 10.14417/ap.27
- Oliveira, J. M., Pereira, M., Costa C.G., & Nogueira, C. (2010). *Estudo sobre a Discriminação em Função da Orientação Sexual e da Identidade de Género*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Oliveira, R. P. C. C. (2014). *A assunção de responsabilidades dos pais com filhos adolescentes*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Palma, Y. A. & Levandowski, D. C. (2008). Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas. *Psicologia em Estudo*, 13(4), 771-779. DOI: 10.1590/s1413-73722008000400015
- Parra, A., Oliva, A., & Sánchez-Queija (2015). Development of emotional autonomy from adolescence to young adulthood in Spain. *Journal of Adolescence*, 38, 57-67. DOI: 10.1016/j.adolescence.2014.11.003
- Pearson, J. & Wilkinson, L. (2012). Family relationships and adolescents well-being: Are families equally protective for same-sex attracted youth? *Journal of Youth Adolescence*, 42(3), 376-393. DOI: 10.1007/s10964-012-9865-5
- Poeschl, G, Venâncio, J., & Costa, D. (2012). Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: O ponto de vista das pessoas homossexuais. *Psicologia*, 26(1), 33-53.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspetiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A. P. & Alarcão, M. (2002). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto.
- Ryan, C., Russell, S. T., Huebner, D., Diaz, R., & Sanchez, J. (2010). Family acceptance in adolescence and the health of LGBT young adults. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 23(4), 205-213. DOI: 10.1111/j.1744-6171.2010.00246.x
- Rueter, M. A. & Conger, R. D. (1995). Antecedents of parent-adolescence disagreements. *Journal of Marriage and Family*, 57, 435-448. DOI: 10.2307/353697

- Saltzburg, S. (2004). Learning that an adolescent child is gay or lesbian: The parent experience. *Social Work*, 49(1), 109-118. DOI: 49.1.109
- Sampaio, D. & Gameiro, J. (1985). *Terapia familiar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos (2005). Heteroqueers contra a heteronormatividade: Notas para uma teoria queer inclusiva. *Oficina do CES*, 239.
- Santos (2009): *Tornar-se homem: Dramaturgias em torno das apresentações de si, das emoções e dos afectos em palcos offline e online*. Tese de doutoramento. Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Savin-Williams, R. C. (2001). *Mom, dad, I'm gay: How families negotiate coming out*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Savin-Williams, R. C., Dubé, E., & Dubé, E. M. (1998). Parental reactions to their child's disclosure of a gay/lesbian identity. *Family Relations*, 47(1), 7-13. DOI: 10.2307/584845
- Savin-Williams, R. C. & Ream, G. L. (2003). Sex variations in the disclosure to parents of same-sex attractions. *Journal of Family Psychology*, 17(3), 429-438. DOI: 10.1037/0893-3200.17.3.429
- Scardua, A. & Filho, E. A. S. (2006). *O debate sobre a homossexualidade mediado por representações sociais: Perspetivas homossexuais e heterossexuais*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
- Scott, A. S. V. (2008). *Família e relações intergeracionais: Limites e possibilidades de abordagem a partir do estudo de porto alegre no final dos anos setecentos*.
- Silva, D. S. P. (2011). *Solidariedade familiar intergeracional de adultos emergentes: Análise da relação entre o apoio prestado e antecipado a pais e avós e variáveis demográficas e psicológicas*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Silva, M. H. & Relvas, A. P. (2002). Casal, casamento e união de facto. In. Relvas, A. P. & Alarcão, M. *Novas formas de família*. pp.189-239. Coimbra: Quarteto.
- Steinberg, L. & Silverberg, S. B. (1986). The vicissitudes of autonomy in early adolescence. *Child Development*, 57(4), 841-851. DOI: 10.2307/1130361
- Singly, F. (2011). *Sociologia da família contemporânea*. Lisboa: Edições Texto & Grafia.
- Soares, M., Feijó, M. R., Valério, N. I., Siquieri, C. L. S. M., & Pinto, M. J. C. (2011). O apoio da rede social a transsexuais femininas. *Paidéia*, 21(48), 83-92.

- Snapp, S. D., Watson, R. J., Russell, S. T., Diaz, R. M., & Ryan, C. (2015). Social support networks for LGBT young adults: Low cost strategies for positive adjustment. *Family Relations*, 64(3), 420-430. DOI: 10.1111/fare.12124
- Spitze, G. & Logan, J. (1989). Gender differences in family support: Is there a payoff? *The Gerontologist*, 29(1), 108-113. DOI: 10.1093/geront/29.1.108
- Strauss, L., Gough, K., & Spiro, M. (1977). *A família como instituição*. Porto: Rés Editora, Lda.
- Strohm, C. Q., Cochran, S. D., & Mays, V. M. (2007). *Gender and sexual orientation differences in social support from family, friends, and romantic relationships*. pp.1-32
- Swickert, R. & Owens, T. (2010). The interaction between neuroticismo and gender influences the perceived availability of social support. *Personality & Individual Differences*, 48(4), 385-390. DOI: 10.1016/j.paid.2009.10.033
- Vanderbilt-Adriance & Shaw, D. S. (2008). Protective factors and the development of resilience in the context of neighborhood disadvantage. *Journal Abnormal Child Psychology*, 36(6), 887-901. DOI: 10.1007/s10802-008-9220-1
- Vianello, M., Schnabel, K., Sriram, N., & Nosek, B. (2013). Gender differences in implicit and explicit personality traits. *Personality and Individual Differences*, 55(8), 994-999. DOI: 10.1016/j.paid.2013.08.008
- Vitale, M. A. F. (2010). *Famílias: Pontos de reflexão*. In: Oliveira, A. L., Vidigal, C., Guará, I. S. M. F. R., Wada, M., Vitale, M. A. F., Maricondi, M. A., Machado, M. E., Gulassa, M. L, C. R., Baptista, M. V., Barros, R., Gentile, R., Oliveira, R. C., Rios, T. A., & Sayão, Y. *Abrigo: Comunidade de acolhida e socioeducação*. pp.73-83. NECA: São Paulo.
- Wagner, A., Falcke, D., Silveira, M.B. O. & Mosmann, C. P. (2002). A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 75-80.
- Woyciekoski, C., Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2014). As contribuições da personalidade e dos eventos de vida para o bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 40(4), 401-409. DOI: 10.1590/s0102-37722014000400005
- Zhang, B, Yan, X., Zhao, F., & Yuan, F. (2015). The relationship between perceived stress and adolescent depression: the roles of social support and gender. *Soc Indic Res*, 123, 501-518. DOI: 10.1007/s11205-014-0739-y

Anexo 1. Consentimento Informado

Consentimento Informado

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

Concordo

Tenho pelo menos 18 anos de idade.

☐

O estudo foi-me explicado.

☐☐

Percebi que toda a informação recolhida permanecerá anónima
e será tratada de forma confidencial.

☐

Aceito as condições do estudo e consinto livremente em participar.

☐

Anexo 2. Questionário Sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

Em que ano nasceu? *

Qual a sua região de residência atual?

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Norte
- ☐ Centro
- ☐ Sul
- ☐ Área Metropolitana de Lisboa
- ☐ Área Metropolitana do Porto
- ☐ Ilhas
- ☐ Estrangeiro
- ☐

Onde vive?

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Norte
- ☐ Centro
- ☐ Sul
- ☐ Área Metropolitana de Lisboa
- ☐ Área Metropolitana do Porto
- ☐ Ilhas
- ☐ Estrangeiro

Como define a sua identidade “racial” e/ou étnica (por exemplo, “branco”, “negro”, “asiático”)?

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

Como descreve o seu sexo/género?*

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Sou mulher
- ☐ Sou homem
- ☐ Sou transexual
- ☐ Sou transgénero
- ☐ Outro:

Como descreve a sua orientação/identidade sexual?*

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Lésbica
- ☐ Gay
- ☐ Homossexual
- ☐ Heterossexual
- ☐ Outro:

Qual o nível de educação mais elevado que completou até este momento?

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ 4º ano
- ☐ 6º ano
- ☐ 9º ano
- ☐ 12º ano
- ☐ Bacharelato/Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento
- ☐ Outro:

Em que medida considera os valores religiosos importantes no dia-a-dia?

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Nada importantes
- ☐ Quase nada importantes
- ☐ Algo importantes
- ☐ Importantes
- ☐ Muito importantes
- ☐ Extremamente importantes

Com que regularidade frequenta locais de culto religioso?

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Nunca ou raramente (menos de uma vez por ano)
- ☐ Cerca de duas vezes por ano
- ☐ Mais de duas vezes por ano, mas não todas as semanas
- ☐ Todas as semanas ou ainda mais frequentemente

Qual é o seu estatuto relacional/conjugal atual?

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Casado
- ☐ Numa união de facto/coabitação
- ☐ Com um/a companheiro/a (em residências separadas)
- ☐ Separado/a
- ☐ Divorciado/a
- ☐ Solteiro/a
- ☐ Outro:

Tem alguma relação do tipo romântico/conjugal atualmente?*

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

☐ Não

☐ Sim

Qual a duração da mesma? (resposta em meses)

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

Considerando a relação na globalidade, assinale o grau de felicidade que a caracteriza.

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

☐ Extremamente infeliz

☐ Muito infeliz

☐ Infeliz

☐ Feliz

☐ Muito Feliz

☐ Extramente Feliz

☐ Perfeita

Qual é o seu estatuto profissional atual?

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

☐ Trabalho a tempo inteiro

☐ Trabalho a tempo parcial

☐ Desempregada/o

☐ Estudante

Qual é a sua profissão?

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

Caso exerça uma profissão, que tipo de vínculo laboral tem?

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

☐ Não se aplica

☐ Temporário

☐ Permanente

Anexo 3. Índice de Solidariedade Intergeracional

ESI (Bengtson & Roberts, 1991; Monteiro, 2010)

Solidariedade funcional recebida (ESI 1)

De uma forma geral, com que frequência costuma os seus pais o/a costumam ajudar nos seguintes aspetos?

1-Nunca

2-Quase nunca

3-Pouco frequente

4-Frequente

5-Quase sempre

6-Sempre

NA- Não se aplica (esta pessoa nunca fez parte da minha vida ou já faleceu)

Pai							Mãe							
NA	1	2	3	4	5	6	Tarefas domésticas	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Transportes e compras	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Informação e conselhos	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Apoio financeiro	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Apoio emocional	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Tomada de decisões importantes	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Apoio em situação de doença	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Assistência nos cuidados pessoais (por exemplo, higiene)	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Apoio no cuidado dos meus filhos	1	2	3	4	5	6	NA

Solidariedade funcional dada (ESI 2)

De uma forma geral, com que frequência costuma ajudar os seus pais nos seguintes aspetos?

1-Nunca

2-Quase nunca

3-Pouco frequente

4-Frequente

5-Quase sempre

6-Sempre

NA- Não se aplica (esta pessoa nunca fez parte da minha vida ou já faleceu)

Pai							Mãe							
NA	1	2	3	4	5	6	Tarefas domésticas	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Transportes e compras	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Informação e conselhos	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Apoio financeiro	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Apoio emocional	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Tomada de decisões importantes	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Apoio em situação de doença	1	2	3	4	5	6	NA
NA	1	2	3	4	5	6	Assistência nos cuidados pessoais (por exemplo, higiene)	1	2	3	4	5	6	NA

Solidariedade normativa (ESI 3)

Relativamente às seguintes questões, por favor, assinale a alternativa que lhe parece traduzir melhor a sua opinião.

1-Discordo completamente

2-Discordo muito

3-Discordo um pouco

4-Concordo um pouco

5-Concordo muito

6-Concordo completamente

	Discordo completamente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo completamente
Devem ser partilhadas o maior número de atividades possível entre filhos adultos e os seus pais.	1	2	3	4	5	6
As pessoas devem conversar acerca de decisões de vida importantes com os familiares, antes de passarem à ação.	1	2	3	4	5	6
Os membros de uma família devem dar mais peso às opiniões das pessoas da sua família do que às opiniões de pessoas exteriores à família.	1	2	3	4	5	6

Solidariedade conflitual (ESI 4)

De uma forma geral, como avalia a sua relação com os seus pais nos seguintes aspetos?

1-Discordo completamente

2-Discordo muito

3-Discordo um pouco

4-Concordo um pouco

5-Concordo muito

6-Concordo completamente

NA- Não se aplica (esta pessoa nunca fez parte da minha vida ou já faleceu)

Pai							Mãe					
1	2	3	4	5	6	Os meus pais são críticos em relação a mim ou ao que eu faço.	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	Existe conflito, tensão ou desacordo entre mim e os meus pais	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	Eu sou crítico/a em relação aos meus pais ou ao que eles fazem	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	Eu tenho discussões com os meus pais	1	2	3	4	5	6

Solidariedade afetiva (ESI 5)

De uma forma geral, como avalia a sua relação com os seus pais nos seguintes aspetos?

1-Inexistente

2-Fraco/a

3-Morderado/a

4-Bom/boa

5-Muito bom/boa

6-Excelente

NA- Não se aplica (esta pessoa nunca fez parte da minha vida ou já faleceu)

Pai							Mãe					
1	2	3	4	5	6	A proximidade entre mim e os meus pais é...	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	A comunicação com os meus pais, no que diz respeito à troca de ideias sobre assuntos que me preocupam é...	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	A compreensão que tenho em relação os meus pais é...	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	O meu relacionamento com os meus pais é	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	A compreensão que os meus pais têm em relação a mim é	1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6	A comunicação com os meus pais, no que diz respeito à troca de ideias sobre assuntos que os preocupam é...	1	2	3	4	5	6

Anexo 4. NEO PI-R

NEO PI-R (Costa & McCrae, 1992; Lima & Simões, 1997)

Relativamente às seguintes questões, por favor, assinale a alternativa que lhe parece traduzir melhor a sua opinião.

	Discordo fortemente	Discordo muito	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo muito	Concordo fortemente
1. Por vezes tenho necessidade que os outros me resolvam os problemas.	☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. Sinto que sou capaz de ultrapassar a maioria dos meus problemas.	☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. Quando estou “stressado/a” ou pressionado/a por algum motivo, sinto que não vou conseguir aguentar.	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4. Consigo manter a cabeça fria em situações críticas.	☐	☐	☐	☐	☐	☐
5. É muito difícil para mim tomar decisões.	☐	☐	☐	☐	☐	☐
6. Consigo controlar-me muito bem em momentos de crise.	☐	☐	☐	☐	☐	☐
7. Quando tudo parece correr mal, consigo mesmo assim tomar boas decisões.	☐	☐	☐	☐	☐	☐
8. Quando tudo parece correr mal, consigo mesmo assim tomar boas decisões.	☐	☐	☐	☐	☐	☐
9. Acho que tenho bastante estabilidade emocional.	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Anexo 5. Inventário de Abertura

Outness Inventory (Mohr, 2005)

Escala de resposta:

1 = esta pessoa definitivamente NÃO sabe da minha orientação sexual;

2 = esta pessoa poderá saber da minha orientação sexual, mas NUNCA falamos disso;

3 = esta pessoa provavelmente sabe da minha orientação sexual, mas NUNCA falamos disso;

4 = esta pessoa provavelmente sabe da minha orientação sexual, mas RARAMENTE falamos disso;

5 = esta pessoa sabe com toda a certeza da minha orientação sexual, mas RARAMENTE falamos disso;

6 = esta pessoa sabe com toda a certeza da minha orientação sexual e ÀS VEZES falamos disso;

7 = esta pessoa sabe com toda a certeza da minha orientação sexual e falamos ABERTAMENTE disso;

NA = não aplicável à sua situação; esta pessoa ou grupo de pessoas não fazem parte da sua vida.

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	1	2	3	4	5	6	7	NA
Mãe	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Pai	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Irmãos/irmãs	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Família alargada/parentes	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Novos amigos/as heterossexuais	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Colegas de trabalho	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Chefes de trabalho	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Estranhos/novos conhecimentos	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Antigos/as amigos/as heterossexuais	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Líderes da minha comunidade religiosa	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Pessoas da minha comunidade religiosa	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐